



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO



PRÓ-REITORIA ACADÊMICA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

LINHA DE PESQUISA: FAMÍLIA, GÊNERO E INTERAÇÃO SOCIAL

THAIS AFONSO ANDRADE

**AS RELAÇÕES AMOROSAS DO ADOLESCENTE COM HISTÓRICO DE
VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR**

RECIFE

2017

THAIS AFONSO ANDRADE

**AS RELAÇÕES AMOROSAS DO ADOLESCENTE COM HISTÓRICO DE
VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, da Universidade Católica de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Dr.^a Albenise de Oliveira Lima.

RECIFE

2017

THAÍS AFONSO ANDRADE

**AS RELAÇÕES AMOROSAS DO ADOLESCENTE COM HISTÓRICO DE
VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR**

Dissertação de mestrado submetida à banca examinadora como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Psicologia Clínica.

Aprovada em: ____ / ____ / 2017.

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Queiti Batista Moreira de Oliveira (Examinadora Externa)
FIOCRUZ/ENSP/CLAVES – Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Cristina Maria de Souza Brito Dias (Examinadora Interna)
Universidade Católica de Pernambuco

Prof.^a Dr.^a Albenise de Oliveira Lima (Orientadora)
Universidade Católica de Pernambuco

À Crislayne, Rubi, Alex e Tays, os adolescentes que dividiram comigo as suas histórias permeadas de amores, medos, sonhos, tristezas e alegrias. Este estudo só foi possível por causa de vocês!

À Nayara Barroso, mãe de João Lucas, por me ensinar que, mesmo diante de todos os horrores, não podemos fugir do amor! Obrigada por ser minha irmã de alma e de escolha!

A Vinicius, meu irmão, por me fazer sentir a pessoa mais especial do mundo; por me ensinar que a vida pode ser leve e muito divertida!

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, **Edna e Gil**, pela vida!

Mãe, obrigada por respeitar as minhas escolhas sem julgamento; obrigada por me ensinar que o meu lar é onde o meu coração está; obrigada por me fazer uma cidadã do mundo e me incentivar tanto!!!

Pai, obrigada por fazer as lições de casa comigo, por todo investimento na minha educação e por me ensinar a ser dedicada em tudo o que faço!

A minha doce gratidão a **Fernando**, meu marido, meu amigo, meu companheiro dessa adorável aventura que é construir uma vida a dois! Obrigada por aguentar o meu humor oscilante nas vésperas da qualificação, banca prévia e defesa deste trabalho! Obrigada por caminhar ao meu lado e incentivar a minha vida acadêmica como professora e pesquisadora! Obrigada por se importar com o que me faz feliz!

Agradeço a **Fernanda Zabel**, a **Ana Paula** e a **Bruna Quirino**, amigas para toda a vida! **Nanda**, obrigada pelas sementes de romã que você comeu, desejando com todo o coração e energias positivas que eu passasse na seleção do mestrado (Deu certo! Sei que, agora na conclusão, você está tão feliz quanto eu!); agradeço também pelas orações, por ser presente nas minhas dores e amores!

Pops, obrigada por toda tietagem! Por orar por mim, por me amar sem limites, por me acompanhar em qualquer lugar do mundo! Você é especial para mim!

Buh! Obrigada por dividir comigo a mesma fé, o mesmo amor por Deus. Obrigada por se orgulhar verdadeiramente com minhas conquistas na academia! Isso é muito significativo para mim.

Não posso deixar de agradecer a um grupo de pessoas incrivelmente divertidas e singulares! Pessoas especiais que trazem à tona o meu riso mais fácil e me fazem rir até a barriga doer (Devo admitir, eu ADORO quando isso acontece.)! Entre eles, sou carinhosamente conhecida por Gaúcha, mas bem que prefiro Tatá! **Junior Saback, Alex, Teka, Tuffi, Fubá e Ana**. Obrigada por todo carinho!

A minha gratidão para as garotas maravilhosas que o mestrado me possibilitou conhecer: **Helga Carvalho, Denisse Boff, Karlise Albuquerque, Emily Schuler, Marilak Terto** e, especialmente, eu agradeço, a **Ubiracelma Carneiro**, a minha Ubi! Obrigada por ser minha amiga, comparsa, parceira nos congressos, no lattes, nas viagens e na VIDA! Obrigada por dividir comigo o mesmo amor e entusiasmo pela pesquisa acadêmica e a preocupação com o alcance dos nossos estudos. Obrigada por tornar a minha vida em Recife mais, muito mais, divertida!

Agradeço à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a **Albenise de Oliveira Lima**! Obrigada por apoiar tudo o que eu quis fazer nesses dois anos de mestrado! Obrigada por me apontar com toda a delicadeza, que é

a sua marca, a direção certa, quando eu não sabia mais para onde ir! Você foi a minha grande parceira!

Isso foi muito significativo para mim!

Não posso deixar de agradecer a outras professoras que também fazem o meu coração bater mais forte!

À **Prof.^a Dr.^a Cristina Dias**, obrigada por me receber no Programa com tanto afeto, por aceitar o convite para participar da minha banca e pelas contribuições ao meu trabalho.

À amável **Prof.^a Dr.^a Marisa Sampaio**, obrigada por se preocupar genuinamente comigo e por incentivar a minha vida acadêmica no caminho para o doutorado! Jamais me esquecerei desse apoio!

À querida **Prof.^a Dr.^a Maria Consuelo Passos**, obrigada pelas conversas e por torcer para que eu continuasse morando em Recife.

Vocês são especiais e, sem dúvidas, haverá uma parte de cada uma para sempre em mim!

Aos incríveis pesquisadores do **CLAVES/ENSP/FIOCRUZ** o meu agradecimento mais que caloroso e com muito afeto! Os dois meses que passei com vocês foram de extrema relevância para aprofundar os meus conhecimentos sobre violência e saúde e violência no namoro. Obrigada à **Dr.^a Kathie Njaine** e a **Dr.^a Simone Assis**, por me receberem com tanto cuidado! Agradeço pela permissão e pelo privilégio de participar de aulas ministradas por vocês! Obrigada pela oportunidade de ser uma aluna muito entusiasmada ao assistir aulas com a **Dr.^a Cecília Minayo**, **Dr.^a Patricia Constantino**, **Dr.^a Fátima Cechetto** e **Dr.^a Joviana Avanci**! Especialmente, agradeço à **Dr.^a Queiti Oliveira**, por aceitar participar da minha banca e por todas as contribuições! Eu nem acreditei quando você disse SIM, quanto à realização da minha mobilidade com vocês! Agradeço também ao maravilhoso doutorando Adriano da Silva por me fazer *expert* no uso dos operadores booleanos, por aceitar vir à UNICAP e dividir o seu conhecimento conosco!!!

À CAPES pela bolsa de estudos; À FACEPE pelo auxílio financeiro para a mobilidade!

O meu melhor e maior agradecimento a **Deus**. Conhecê-lo não apenas de ouvir falar, é a melhor experiência de todas. Que eu nunca me esqueça, em nenhum momento, de fixar os meus olhos em Ti.

Obrigada, obrigada e muito obrigada!

Depois de algum tempo você aprende a diferença, a sutil diferença entre dar a mão e acorrentar uma alma. E você aprende que amar não significa apoiar-se.

E que companhia nem sempre significa segurança. Começa a aprender que beijos não são contratos e que presentes não são promessas.

[...] Aprende que há mais dos seus pais em você do que você supunha.

[...] Aprende que quando está com raiva tem o direito de estar com raiva, mas isso não te dá o direito de ser cruel. Descobre que só porque alguém não o ama do jeito que você quer que ame não significa que esse alguém não o ama com tudo o que pode [...]

E você aprende que realmente pode suportar... que realmente é forte, e que pode ir muito mais longe depois de pensar que não se pode mais [...].

(O Menestrel, por Veronica Shoffstall, 19 anos).

RESUMO

Episódios que envolvem a violência intrafamiliar têm sido amplamente divulgados nos meios de comunicação, além de ser uma temática frequente nos meios acadêmicos. Entende-se por violência intrafamiliar qualquer ato ou omissão que prejudique a integridade física e psicológica e o pleno desenvolvimento de um membro da família. Vivenciar a violência no contexto familiar resulta em várias consequências para os adolescentes, entre elas, a vivência precoce de namoros violentos. A violência no namoro entre adolescentes refere-se à violência física, sexual, psicológica (emocional/verbal), digital, perseguição e financeira em um relacionamento amoroso. Tal fenômeno é ainda considerado preditor de violência conjugal. Neste contexto, o objetivo geral do presente estudo foi o de compreender como o adolescente com histórico de violência intrafamiliar constrói suas relações amorosas. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa de caráter exploratório. Participaram deste estudo de caso múltiplo quatro adolescentes: três moças e um rapaz, entre 15 e 18 anos, que foram ou são vítimas de violência intrafamiliar, e que tenham namorado ou ficado, independentemente do tempo de duração da relação. A presente investigação foi realizada em duas cidades da região metropolitana do Recife/PE. A técnica de amostragem utilizada foi a da bola de neve e o instrumento para coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada. As entrevistas foram gravadas, transcritas e, posteriormente, submetidas à análise temática de conteúdo. Nos resultados, verificou-se, entre os adolescentes participantes elementos indicativos da transmissão intergeracional da violência. As relações familiares encontradas nesta pesquisa falham como provedoras de uma relação afetiva saudável, em virtude do sofrimento físico e psíquico a que seus membros foram e, em alguns casos, ainda são expostos. Sofrer violência psicológica dos pais e/ou dos cuidadores por meio de humilhações e ofensas foi observado como sendo os eventos mais difíceis a que os adolescentes foram expostos. No entanto, evidenciou-se, como ponto positivo, uma relação não linear e não determinista do fenômeno; não foi identificada a violência bidirecional entre os participantes. Diante da complexidade do tema, torna-se fundamental a realização de pesquisas que aprofundem a compreensão da relação entre a vivência da violência intrafamiliar e a presença da violência no namoro entre adolescentes.

Palavras-chave: Violência intrafamiliar. Violência no namoro. Adolescência. Transmissão intergeracional da violência.

ABSTRACT

Episodes involving intrafamily violence have been widely publicized in the media, besides of being a frequent theme in academic circles. Intrafamily violence is understood to mean any act or omission that impairs the physical and psychological integrity and the full development of a family member. Experiencing violence in the family context results in several consequences for adolescents, among them, the early experience of violent dating. Violence in teen dating refers to physical, sexual, psychological (emotional/verbal), digital, harassment, and financial violence in a loving relationship. Such phenomenon is still considered a predictor of conjugal violence. In this context, the general objective of the present study was to understand how the adolescent with a history of intrafamily violence builds his/her relationships. This is a qualitative research of an exploratory nature. Four adolescents participated in this multiple case study: three girls and one boy, between 15 and 18 years old, who were or are victims of intrafamily violence, and that they are dating or had dated, regardless of the duration of the relationship. The present investigation was carried out in two cities of the metropolitan region of Recife / PE. The sampling technique used was the snowball and the instrument for data collection was a semi-structured interview. The interviews were recorded, transcribed and subsequently submitted to content thematic analysis. In the results, it was verified among teenagers participants indicative elements of the intergenerational transmission of violence. The family relationships found in this research fail to provide a healthy affective relationship because of the physical and psychological suffering to which its members were and in some cases still are exposed. Suffering psychological violence from parents and/or caregivers through humiliation and offense was observed as the most difficult events to which adolescents were exposed. However, as a positive point, a non-linear and non-deterministic relation of the phenomenon was evidenced; two-way violence between participants was not identified. Given the complexity of the topic, it is fundamental to carry out research that deepens the understanding of the relationship between the experience of intrafamily violence and the presence of violence in the dating experience among adolescents.

Keywords: Intrafamily violence. Violence in dating. Adolescence. Intergenerational transmission of violence.

RESUMEN

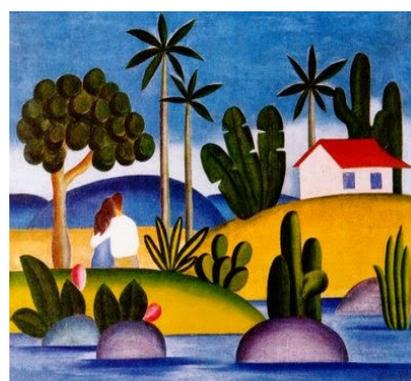
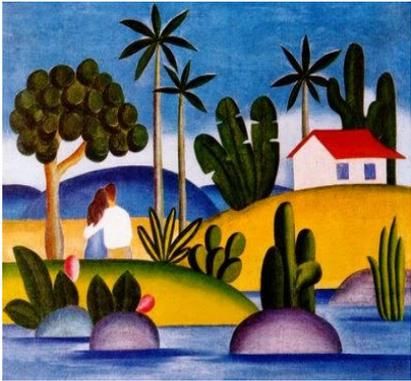
Los episodios que involucran la violencia intrafamiliar han sido ampliamente divulgados en los medios de comunicación, además de ser una temática frecuente en los medios académicos. Se entiende por violencia intrafamiliar cualquier acto u omisión que perjudique la integridad física y psicológica y el pleno desarrollo de un miembro de la familia. Vivir la violencia en el contexto familiar resulta en varias consecuencias para los adolescentes, entre ellas, la vivencia precoz de los noviazgos violentos. La violencia en el noviazgo entre adolescentes se refiere a la violencia física, sexual, psicológica (emocional/verbal), digital, persecución y financiera en una relación amorosa. Tal fenómeno es todavía considerado predictor de violencia conyugal. En este contexto, el objetivo general del presente estudio fue el de comprender cómo el adolescente con historial de violencia intrafamiliar construye sus relaciones amorosas. Se trata de una investigación de naturaleza cualitativa de carácter exploratorio. En este estudio de caso múltiple participaron cuatro adolescentes: tres muchachas y un varón, entre 15 y 18 años, que fueron o son víctimas de violencia intrafamiliar, y que tienen o han tenido un novio, independientemente del tiempo de duración de la relación. La presente investigación se realizó en dos ciudades de la región metropolitana de Recife / PE. La técnica de muestreo utilizada fue la de la bola de nieve y el instrumento para la recolección de datos fue una entrevista semiestructurada. Las entrevistas fueron grabadas, transcritas y posteriormente sometidas al análisis temático de contenido. En los resultados, se verificó entre los adolescentes participantes elementos indicativos de la transmisión intergeneracional de la violencia. Las relaciones familiares encontradas en esta investigación fallan como proveedores de una relación afectiva sana, en virtud del sufrimiento físico y psíquico al que sus miembros han sido y, en algunos casos, todavía están expuestos. Sufrió violencia psicológica de los padres y / o de los cuidadores por medio de humillaciones y ofensas fue observado como los eventos más difíciles a los que los adolescentes fueron expuestos. Sin embargo, se evidenció, como punto positivo, una relación no lineal y no determinista del fenómeno; no se identificó la violencia bidireccional entre los participantes. Ante la complejidad del tema, se hace fundamental la realización de investigaciones que profundicen la comprensión de la relación entre la vivencia de la violencia intrafamiliar y la presencia de la violencia en el noviazgo entre adolescentes.

Palabras clave: Violencia intrafamiliar. Violencia en el noviazgo. Adolescencia. Transmisión intergeneracional de la violencia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR E TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DA VIOLÊNCIA	15
2.1 A violência intrafamiliar e as suas consequências.....	19
2.2 Violência intrafamiliar e vulnerabilidade social.....	19
2.3 Números da violência intrafamiliar contra a criança e o adolescente	20
2.4 Transmissão intergeracional da violência.....	23
3 VIOLÊNCIA NO NAMORO ENTRE ADOLESCENTES	26
3.1 Prevalência da violência no namoro entre adolescentes.....	32
3.2 Fatores de risco	34
4 MÉTODO	36
4.1 Objetivos.....	37
4.1.1 Objetivo geral.....	37
4.1.2 Objetivos específicos.....	38
4.2 Participantes	38
4.3 A técnica de amostragem bola de neve nesta pesquisa	38
4.4 Instrumentos	41
4.5 Procedimentos éticos	42
4.6 Análise dos dados	42
4.7 Definição das unidades de sentido	43
5 RESULTADOS: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	44
5.1 Caso 1 - Crislayne: “direitos iguais”	45
5.1.1 Síntese da entrevista.....	45
5.1.2 Unidades de sentido	47
5.1.3 Análise sobre Crislayne.....	49
5.2 Caso 2 - Rubi: “tenho que estudar”.....	51
5.2.1 Síntese da entrevista.....	51
5.2.2 Unidades de sentido.....	52
5.2.3 Análise sobre Rubi.....	53
5.3 Caso 3 - Alex: “isso eu não me esqueci”	55
5.3.1 Síntese da entrevista.....	55
5.3.2 Unidades de sentido.....	56

5.3.3 Análise sobre Alex.....	58
5.4 Caso 4 - Tays: “porque por tudo, eu choro”.....	60
5.4.1 Síntese da entrevista	60
5.4.2 Unidades de sentido	61
5.4.3 Análise sobre Tays.....	63
5.5 Discussão dos resultados.....	65
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	72
ANEXO.....	80
ANEXO A.....	81



1 INTRODUÇÃO

*“Se a gente cresce com os golpes duros da vida,
Também podemos crescer com os toques suaves
na alma.”*

Cora Coralina

Episódios que envolvem a violência intrafamiliar têm sido amplamente divulgados nos meios de comunicação, além de ser uma temática frequente no âmbito acadêmico. Estes cenários de violência contra a criança e o adolescente ocorrem desde a antiguidade, em todas as classes sociais, numa relação permissiva entre práticas educativas e punição (MINAYO, 2001; WEBER et al., 2002; MOREIRA; SOUSA, 2012).

As relações familiares violentas resultam em várias consequências para os adolescentes que convivem nesse contexto disfuncional, entre elas, a vivência precoce de relações violentas no namoro, conforme relatam National Clearing Family Violence – NCFV (2006); Anacona (2008); Assis et al. (2011); OMS (2015); Center Disease Control – CDC (2016).

Para a OMS (2015, p. 19) “a violência entre namorados é uma forma precoce de violência entre parceiros íntimos, e ocorre principalmente na adolescência e no início da idade adulta”. Apesar da relevância do tema, a violência no namoro entre adolescentes é ainda pouco estudada no cenário científico brasileiro (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011).

Estudos internacionais acerca da violência no namoro apontam para uma possível relação entre a ocorrência de tal fenômeno e as experiências vivenciadas na família de origem (WOLFE; SCOTT; WEKERLE; PITTMAN, 2001; GOVER; KAUKINEN; FOX, 2008; CLAREY; HOKODA; ULLOA, 2010; OLIVEIRA; SANI; MAGALHÃES, 2012; GÓMEZ, 2011; FAIAS; CARIDADE; CARDOSO, 2016). No cenário nacional, estudos semelhantes apresentando os mesmos resultados foram realizados a respeito da violência conjugal e família de origem (SANTOS; MARIN; CASTOLDI, 2013; RAZERA; CENCI; FALCKE, 2014; COLOSSI; MARASCA; FALCKE, 2015). Em revisão de literatura realizada entre os anos 2006 e 2011, Marasca, Colossi e Falcke (2013) identificaram a escassez de publicações nacionais (3,17%), sobre tal campo do conhecimento. Nessa perspectiva, no presente estudo, lançamos mão da teoria da transmissão da intergeracionalidade da violência.

A mobilização pessoal pela temática da violência e as suas consequências nas relações familiares e amorosas foram acentuadas após experiência profissional na Clínica de Psicologia da PUC Minas e no programa Mediação de Conflitos da Secretaria de Defesa Social do governo do Estado de Minas. As mediações de conflitos atendiam ao público em situação de vulnerabilidade social e econômica e eram realizadas por questões que envolviam:

violência doméstica, violência contra a mulher, contra a criança, o adolescente e os idosos, entre outros.

Face à lacuna dos estudos nacionais relacionados ao fenômeno da violência no namoro, faz-se importante também estudar as relações amorosas de namoro ou ficar de adolescentes que já experienciaram na infância ou ainda experenciam diretamente ou testemunham a violência entre os seus pais e/ou responsáveis.

O primeiro capítulo desta dissertação discorreu sobre conceitos, consequências e prevalência da violência intrafamiliar, bem como a sua transmissão intergeracional. O segundo capítulo apresenta um panorama acerca do fenômeno da violência no namoro entre adolescentes. Na sequência, o terceiro capítulo descreveu o caminho metodológico para a realização desta pesquisa. Em seguida, no quarto capítulo, apresentamos os resultados individuais de cada adolescente participante, além de uma discussão sobre a reunião dos quatro casos aqui analisados. Por fim, nas considerações finais, realizamos uma síntese dos dados revelados na investigação e também apresentamos novas sugestões de pesquisa.

Escolhemos a cor laranja para a ilustração dos quadros presentes neste estudo por ser a cor que representa, nos Estados Unidos da América, o mês nacional de conscientização e prevenção da violência no namoro entre adolescentes.



2 VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR E TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DA VIOLÊNCIA

“Minha dor é perceber que apesar de termos feito tudo o que fizemos, ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais.”
Belchior

Na primeira parte deste capítulo, discutimos aspectos conceituais referentes à violência intrafamiliar, que será, para este fim, compreendida como: “toda ação ou omissão que prejudique a integridade física, psicológica, ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família” (BRASIL, 2002, p. 15).

A violência intrafamiliar trata-se de um fenômeno complexo que ocorre no âmbito das relações familiares. A sua ocorrência não se limita ao espaço físico, ou seja, pode ser perpetrada no interior ou fora de casa por algum membro da família. Abrange pessoas que exercem a função parental, mesmo que sem laços consanguíneos, e em relação de poder à outra (BRASIL, 2002). Os episódios de violência intrafamiliar apresentam-se:

Nas relações hierárquicas e intergeracionais. Atinge mais as crianças do que os adolescentes, em função de sua maior fragilidade física e emocional. Consiste em formas agressivas de a família se relacionar, por meio do uso da violência como solução de conflito e como estratégia de educação. Inclui, ainda, a falta de cuidados básicos com seus filhos (BRASIL, 2010, p. 29).

Já a violência doméstica abarca outras pessoas que integram o grupo familiar, como empregados e agregados que convivem no ambiente doméstico, diferenciando-se, assim, da primeira (BRASIL, 2002).

No que diz respeito aos conceitos de violência doméstica e violência intrafamiliar, Koller e De Antoni (2011) apontam que a palavra “doméstico” pode ser entendida como restrita ao meio familiar, ou seja, o que ocorre na esfera do privado, do particular, do íntimo com as pessoas que compõem esse ambiente. Este aspecto contribui para a perpetuação dos segredos e silêncio e, sobretudo, com a impossibilidade de romper o ciclo da violência por parte de algum membro da família. “Assim, a violência doméstica, por muitos séculos, era entendida como um fenômeno que ocorre no âmbito do privado, e somente diz respeito às pessoas que a vivenciam” (KOLLER; DE ANTONI, 2011, p. 300).

Por outro lado, as publicações científicas norte-americanas utilizam o termo violência doméstica apenas para retratar a violência na conjugalidade e os termos violência intrafamiliar ou violência familiar para evidenciar os vários tipos de violência perpetrada pelos pais contra os filhos. Por conseguinte, Koller e De Antoni (2011, p. 301), relatam que:

Como alteração conceitual, propõe o uso do termo “violência intrafamiliar” ou “violência familiar” em detrimento ao termo violência doméstica. Justamente para romper com este paradigma que a violência tem um caráter privado e íntimo. Também se propõe que o termo violência intrafamiliar englobe todas as formas de violência (abuso sexual, físico e emocional, abandono e negligência) e todas as configurações familiares possíveis (entre pais e filhos, casal, irmãos e filhos para com os pais). Cabe salientar que a violência neste contexto deixe de ser um fenômeno do âmbito privado e passe a ser de domínio público. E, portanto, políticas públicas devem ser instaladas favorecendo a denúncia, responsabilizando os envolvidos e, principalmente, prevenindo o acontecimento dessa violência.

Diante destas nuances conceituais entre violência doméstica e violência intrafamiliar, optamos por utilizar neste trabalho o segundo termo, pois concordamos com a definição apresentada pelas autoras e também porque apresenta alinhamento com esta pesquisa.

Quanto às ocorrências de episódios de violência intrafamiliar contra o adolescente, evidencia-se que na história da sociedade, no Ocidente, tal fenômeno se faz presente em todas as classes sociais, desde a antiguidade, além de ser considerado um problema de saúde pública. A violência intrafamiliar ocorre em um cenário onde as relações vinculares entre os membros da família, agressores e vítimas, são pessoas que se conhecem e mantêm relações afetivas, ainda que ambivalentes (MOREIRA; SOUSA, 2012).

Historicamente, no ano 1860, na França, o médico legista Ambroise Tardieu publicou o primeiro estudo científico de medicina legal sobre violência física em crianças. Nesse trabalho ele relata as perícias feitas em 32 crianças, 18 delas falecidas devido às lesões. Tardieu depreendeu que as lesões foram produzidas por violência e maus-tratos contra as crianças praticados por seus pais ou responsáveis. Outrossim, os pais não explicavam de maneira satisfatória a natureza de tais machucados em seus filhos (GUERRA, 1998; PRISZKULNIK, 2009). Não houve repercussão quanto à publicação de Tardieu no meio acadêmico. Não obstante, é significativo evidenciar que esse estudo foi um reflexo do noticiário local, por exemplo, como o caso veiculado, em 1865, no *Le Temps*, que diz respeito à violência de uma mãe contra seu filho. Além do mais, a sociedade da época voltava o seu interesse para a violência dos filhos contra os pais. O Código Penal francês, nos anos de 1800, sentenciava à morte e à amputação da mão direita os culpados pelo assassinato dos pais, sendo essa pena atenuada 32 anos mais tarde (GUERRA, 1998).

Para Gonçalves (2003), Tardieu foi o precursor da divulgação, no meio científico e para a sociedade europeia, de casos referentes à violência contra a criança com fortes implicações na ordem privada e na ordem pública. No entanto, somente um século após a sua publicação, Santoro Jr (2002) aponta que, em 1925, na cidade de Nova Iorque, o pediatra americano John Caffey reacendeu os estudos sobre a temática, ao analisar e comparar as

fraturas das crianças com as histórias das causas trazidas pelos pais. Caffey percebeu que, em muitos casos, os relatos fornecidos pelos pais não eram consistentes com os traumas apresentados em exame radiológico. Com isso, os médicos começaram a externar uma apreensão em relação às questões ligadas à segurança da criança no meio familiar.

No Brasil, segundo Guerra (1998), a primeira publicação científica que aborda o tema data do ano de 1973. Nele, os autores Coates, Ribeiro, Hercowitz e Keiserman mencionam a violência física sofrida por uma criança de 15 meses, cometida pela mãe, que ocasionou o seu abandono e o seu internamento na cidade de São Paulo. Dois anos mais tarde, em 1975, o pediatra radiologista do Hospital Jesus, do Rio de Janeiro, Armando Amoedo, publicou trabalho sobre maus-tratos baseado no depoimento de cinco vítimas. Nos anos 80, foi publicado o livro *Violência de pais contra filhos: procuram-se vítimas*, de autoria de Viviane Nogueira de Azevedo Guerra (GUERRA, 1998).

Pelo cenário descrito acima, percebemos que as primeiras publicações sobre a violência intrafamiliar contra a criança e o adolescente só foram possíveis devido às sequelas físicas que puderam ser observadas por médicos e pesquisadores, ao analisarem casos clínicos controversos, que, muitas vezes, não encontravam consonância entre exames de imagem e relatos das causas dos pais ou responsáveis.

Quanto aos conceitos dos tipos e natureza de violências que atingem crianças e adolescentes, o Ministério da Saúde as define da seguinte maneira: 1) *Violência física*: é o ato violento que utiliza a força física intencionalmente, de maneira não acidental, que possa ferir ou provocar dor por meio de, por exemplo, tapas, chutes e arremessos de objetos. Enquadra-se também nessa tipologia de violência, a Síndrome de Munchausen por procuração, onde o cuidador responsável simula sinais e sintomas de doença submetendo os seus filhos a exames e procedimentos médicos desnecessários; 2) *Violência psicológica*: pode ser compreendida como toda conduta que ameaça o desenvolvimento, a autoestima e a identidade da criança ou adolescente através de rejeição, punições humilhantes e discriminação. O Testemunho da Violência se apresenta quando a criança ou o adolescente presencia o ato violento como, a título de exemplo, a violência entre os pais. Por conseguinte, esta é também considerada uma forma de violência psicológica; 3) *Violência sexual*: ocorre quando o agressor utiliza sexualmente a criança ou o adolescente para se satisfazer sexualmente em relações homo ou heterossexuais com ou sem contato físico. Apresenta-se de várias maneiras como: manipulação da genitália, mamas e ânus, estupro, incesto, pedofilia, imposição de intimidades e exibicionismo; 4) *Negligência*: é evidenciada quando não são atendidas as necessidades básicas de desenvolvimento físico, emocional e social da criança ou do adolescente. A

negligência emocional e o abandono, ainda, compõem os quadros de negligência (BRASIL, 2010).

2.1 A violência intrafamiliar e suas consequências

Muitas vezes, os tipos de violência assinalados acima se manifestam de forma simultânea e não isolada (FALCKE; ROSA; MADALENA, 2012). Independente da forma de manifestação da violência, as relações familiares violentas estão intimamente relacionadas com a causa de problemas emocionais e comportamentais em filhos adolescentes como depressão, ansiedade, agressividade e delinquência (TEODORO et al., 2011). Para além dessas questões, há dados que indicam que as filhas de mães que convivem com a violência intrafamiliar apresentam três vezes mais chances de adoecimento e mais da metade delas tem problemas com a repetência escolar. Ademais, as vítimas de violência fazem mais uso de hospitais por adoecerem com maior frequência, impactando o seu desenvolvimento nas áreas social e econômica (BRASIL, 2009).

Conforme afirmam Falcke e Féres-Carneiro (2011), os filhos podem ser vítimas diretas, quando sofrem a agressão pelos pais, ou vítimas indiretas, quando são expectadores de tais atos e, sobretudo, como consequência, podem entender e naturalizar a violência como algo intrínseco a qualquer relação íntima. Esses relacionamentos se tornam exemplos para as relações afetivas futuras, uma vez que os filhos percebem o modo de os pais se relacionarem e a forma do vínculo amoroso que eles estabelecem. Neste sentido, a experiência de violência na família de origem é apontada como um dos fatores de risco para ocorrência da violência no namoro entre adolescentes, além de ser preditor da violência conjugal (GÓMEZ, 2011; OMS, 2016).

Fica evidenciado que o ambiente familiar é o espaço onde a criança e o adolescente pode ser protegido ou exposto à violência e, quanto mais cedo prevenir essas situações as chances de proteção aumentam (BRASIL, 2010). Percebemos, assim, que é um paradoxo para tais adolescentes vivenciarem situações violentas praticadas por adultos que deveriam zelar pela proteção e promoção do seu desenvolvimento.

2.2 Violência intrafamiliar e vulnerabilidade social

Família é para Minuchin, Colapinto e Minuchim (2011) um sistema que possui um modelo, uma estrutura e características que sistematizam a mudança bem como o seu

equilíbrio. Os autores também ressaltam que todas as famílias passam por conflitos e, portanto, devem procurar maneiras satisfatórias para lidar com as desavenças para que, numa situação de crise, não resultem em um episódio de violência.

A literatura compreende por risco social uma série de fatores, entre eles: o adolescente de baixo nível socioeconômico; família nuclear com muitos integrantes; família conflituosa, com exposição direta ou indireta a violência física, sexual, psicológica ou negligência contra o adolescente. A vulnerabilidade, neste contexto, pode ser entendida como um aspecto do comportamento do indivíduo para o enfrentamento eficaz da situação de crise (BARDAGI; ARTECHE; NEIVA-SILVA, 2005). A violência se apresenta de várias formas para as famílias que se enquadram em situação de alto risco social. A dinâmica das famílias violentas apresenta um desequilíbrio na ordem, e os mecanismos de proteção dos membros da família são falhos e sem sustentabilidade (MINUCHIN; COLAPINTO; MINUCHIN, 2011).

Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF (2011), diante de toda a população brasileira, os adolescentes são um grupo etário que mais sofre com o impacto de vulnerabilidades, por exemplo, a pobreza, a baixa escolaridade, a violência, entre outros. A pobreza é uma situação de vulnerabilidade que aumenta a probabilidade de ocorrência de outras situações vulneráveis como: exploração, risco de abuso e má alimentação. Tal vulnerabilidade pode ser transmitida de geração a geração, criando, dessa forma, ciclos intergeracionais de exclusão. A baixa escolaridade se torna uma vulnerabilidade à medida que dificulta o acesso às oportunidades que os adolescentes terão no decorrer de sua vida, ou seja, a baixa escolaridade apresenta relação com a pobreza limitando o pleno desenvolvimento.

Estudo realizado por De Antoni e Koller (2011) sobre a violência física em famílias em situação de risco e vulnerabilidade social aponta que as relações nas famílias que participaram da pesquisa são permeadas por autoridade e poder de um membro sobre o outro. Verifica-se também que os carinhos são rapidamente substituídos por agressões. Há falhas nos processos de comunicação e na vinculação afetiva diante da violência física imposta. Nesses contextos familiares se encontram violência física cometida com as mãos, como beliscões, puxões das orelhas e dos cabelos, tapas e socos, e com uso de objetos como pedaços de madeira, fios de arame, chinelos, cigarros, por exemplo.

2.3 Números da violência intrafamiliar contra a criança e o adolescente

O UNICEF divulgou, em 2014, uma pesquisa realizada em 190 países sobre a violência contra a criança, que produziu resultados alarmantes. A pesquisa representa a maior

compilação de dados estatísticos já realizada na atualidade sobre o tema, a nível global. Duas questões ficam evidenciadas: os dados coletados dizem respeito apenas aos indivíduos que quiseram responder; sendo assim, os números demonstram uma estimativa menor do que a realidade e a violência se faz presente para as crianças de qualquer condição social, no mundo. As estatísticas sobre o uso da violência sob a forma de disciplina ilustram que há um grande número de crianças submetidas a essas práticas em suas casas: cerca de 6 em cada 10 crianças em todo o mundo (aproximadamente mil milhões) na faixa etária entre 02 e 14 anos são constantemente sujeitadas a castigos físicos por seus cuidadores e, na maioria dos casos, o castigo físico vem acompanhado da violência psicológica. As formas mais graves de castigos corporais como bater na cabeça, no rosto ou espancar a criança repetidamente, estão presentes em 17% das crianças em 58 países. A violência persiste também na adolescência, a nível mundial. Aproximadamente, 70 milhões de meninas entre os 15 e os 19 anos, afirmam ter sido vítimas de alguma forma de violência física desde os 15 anos. Sobre os dados da violência sexual, um pouco mais de 1 em cada 10 meninas – cerca de 120 milhões – já tiveram relações sexuais sem consentimento em algum momento da sua vida (UNICEF, 2014).

Dada a importância e a complexidade do tema, o Brasil o configura como um importante problema de saúde pública (BRASIL, 2002). O Ministério da Saúde (MS), a partir dos anos 2000, avançou nas questões relacionadas ao controle de vigilância da violência por meio de elaboração de políticas públicas específicas para este fim. Em 2001, criou a Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violência (Portaria MS/GM nº 737). Neste mesmo ano, instituiu, através da Portaria MS/GM 1.969, que toda entidade ligada ao SUS que atendesse alguma suspeita ou caso confirmado de maus-tratos contra crianças e adolescentes deveria notificar ao Conselho Tutelar do município, por meio do preenchimento de formulário próprio. A partir dessa política, outros instrumentos legais foram implantados em 2004, tais como a Rede Nacional de Prevenção das Violências e Promoção da Saúde, (Portaria MS/GM nº 936) que objetiva a implantação de núcleos de prevenção das violências e promoção da saúde em benefício da proteção às pessoas e famílias que estão vivenciando a violência, e a Agenda Nacional de Vigilância, Prevenção e Controle dos Acidentes e Violências, instituída em 2005, com o objetivo de aperfeiçoar e expandir o sistema de informações de violências e acidentes (BRASIL, 2013).

Em 2006, o MS, através da Secretária de Vigilância da Saúde (SVS) e do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), implantou o Sistema de Vigilância e Acidentes (VIVA), cujo principal objetivo é a notificação da violência contra mulheres e

homens de todas as idades, além de ser compulsória quando a violência envolve crianças, adolescentes e idosos. Somente no ano de 2011 (Portaria MS/GM nº 104) as notificações dos casos de violência passaram a ser obrigatórias também em hospitais e clínicas privadas (BRASIL, 2013). Diante da aprovação da Portaria MS/GM nº 1.271, de 2014, a violência sexual e a tentativa de suicídio devem ser notificadas no prazo máximo de 24 horas do atendimento do incidente; para os outros casos de violência, o prazo continua no período de uma semana após a ocorrência (PERNAMBUCO, 2015).

Por meio do VIVA, o MS divulgou dados de 2.114 municípios notificantes no ano de 2011. Do montante total de notificações, 27,4% dos casos ocorreram com adolescentes entre 10 e 19 anos; somando-se aos números da faixa etária de 0 a 9 anos essa porcentagem atinge 44% do total de casos notificados. Para a faixa etária dos 10 a 19 anos, a violência física foi o tipo mais comum com 65,3% dos casos. Nas idades de 0 a 19 anos, a maior parte dos atendimentos (76%), tratava-se da mãe ou do pai como provável autor da agressão (BRASIL, 2013).

No estado de Pernambuco, estado onde a presente pesquisa foi desenvolvida, Recife e Olinda foram as primeiras cidades onde o VIVA foi implantado, seguidas de Cabo de Santo Agostinho, Caruaru, Jaboatão dos Guararapes e Paulista. Esse número ampliou no ano de 2014 para 105 municípios notificantes e 302 fontes notificadoras. Nesse mesmo ano (dados atualizados em fevereiro de 2015), 2.878 casos na faixa etária de 10 a 19 anos, no estado de Pernambuco, foram vítimas de violência, somando aos casos da faixa etária de 0 a 9 anos, esse número sobe para 4.397 casos. A maior proporção de casos notificados por tipo de violência, conforme a faixa etária de 10 a 19 anos, é a violência física, com 59,3% dos atendimentos, seguida das violências sexual (23,7%), psicológica (10,3%), negligência (8,8%) e tortura apresentando a proporção de 1,4% dos casos notificados (PERNAMBUCO, 2015).

Conforme os números acima apresentados, no Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, a violência física perpetrada pelos pais contra os filhos é o tipo mais comum. Neste cenário, a punição corporal, para Gomide (2006), é entendida como o ato de fazer a criança sentir dor por meio do uso da força física, sem a intenção de machucar, com o objetivo de disciplina e obediência. Esta forma de castigar e punir pode se tornar uma forma de abuso físico. Tal prática educativa é percebida como negativa e envolve aspectos como a “negligência, ausência de atenção e de afeto; o abuso físico e psicológico, caracterizado pela disciplina através de práticas corporais negativas, ameaça e chantagem de abandono e humilhação do filho [...]” (GOMIDE, 2006, p. 8). À vista disso, pais ou responsáveis

acreditam que tais práticas de violência física ou punição corporal colaboram de maneira eficaz para mudar e controlar um comportamento do filho que é indesejado.

No Brasil, o primeiro estudo realizado, especificamente, sobre os casos relacionados à violência física intrafamiliar ocorreu em escolas da cidade de Duque de Caxias – RJ no ano de 1990. Os dados apontam que mais da metade dos adolescentes que participaram da pesquisa, 52,8%, relataram já terem sofrido violência dos pais. 12,8% dos alunos sofreram violência severa (esmurrar, espancar ou usar arma de fogo contra o adolescente) por parte dos pais e 41,2% perpetrado por irmãos. A pesquisa evidenciou que 11 mil alunos foram sujeitados à violência intrafamiliar e 2.665 dos casos totais foram vítimas das formas mais graves de violência física (ASSIS, 2005).

Outro aspecto importante ressaltado por diversos autores (WEBER et al., 2002; GONÇALVES, 2003; FALCKE; FÉRES-CARNEIRO, 2011; MOREIRA; SOUSA, 2012; MEDEIROS; DINIZ, 2015) ligado ao fenômeno da violência intrafamiliar é a chamada transgeracionalidade ou intergeracionalidade. A prática de atos de violência entre os familiares pode ser observada em várias pesquisas como uma repetição entre as gerações. Este aspecto será mais explorado em seguida.

2.4 Transmissão intergeracional da violência

Interessa-nos, nesta pesquisa, abordar a interseção entre o conceito da intergeracionalidade e o fenômeno da violência familiar. Para tanto, iniciaremos este tópico apresentando as diferenças entre os termos transgeracionalidade e intergeracionalidade. A literatura especializada os utiliza para definir o processo de transmissão que ocorre sucessivamente entre as gerações de uma família. Dessa forma, a transgeracionalidade relaciona-se às repetições de eventos familiares que perpassam ao longo de outras gerações. A intergeracionalidade preconiza a passagem de uma geração a outra de tais acontecimentos (FALCKE; WAGNER, 2014; URZAGASTI, 2006). Dito de outra forma, a primeira está ligada à repetição da história familiar em mais duas gerações, como exemplo, avós, pais e filhos; a segunda seria perpetuação de tais acontecimentos da família de origem para os filhos. Em ambas as definições estão as ideias de padrões que se repetem e se reproduzem por entre as gerações familiares. Utilizaremos o conceito da intergeracionalidade por estar em consonância com os objetivos da presente pesquisa. Neste sentido Scantamburlo, Moré e Crepaldi (2012, p. 38) afirmam que:

No contexto das discussões de transmissão intergeracional na perspectiva sistêmica, evidencia-se a ampliação do foco do indivíduo para as relações familiares, ao longo das gerações, e as temáticas como segredos, mitos, valores e crenças familiares, que sustentam o processo da transmissão, sobretudo, em relação à violência.

O fenômeno da transmissão intergeracional de violência nas relações amorosas de adolescentes é bastante estudado no cenário internacional. No Brasil, tal temática apresenta uma grande lacuna (WOLFE; SCOTT; WEKERLE; PITTMAN, 2001; GOVER; KAUKINEN; FOX, 2008; OLIVEIRA; 2012; FAIAS; CARIDADE; CARDOSO, 2016). Este aspecto pode estar relacionado à visibilidade recente no contexto científico nacional quanto ao tema (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011). Face a esse aspecto, Oliveira, Sani e Magalhães, (2012, p. 175) ressaltam que a origem da violência conjugal “pode estar na transmissão intergeracional desta violência, designadamente a partir da família, a qual se pode começar a revelar desde as relações de namoro na adolescência”.

Gover et al. (2008) pontuam que os pressupostos da transmissão intergeracional da violência descrevem a relação entre experienciar a violência na infância e/ou testemunhar a violência entre os pais como preditor de vitimização e perpetração da violência em relacionamentos íntimos futuros. Entretanto, as autoras destacam que nem todos os perpetradores foram vítimas de violência intrafamiliar na infância.

A literatura nacional, mais recentemente, vem produzindo pesquisas sobre a transmissão de padrões relacionais violentos atravessando várias gerações familiares em contexto matrimonial. Dessa forma, estudos identificaram uma relação entre a vivência da violência intrafamiliar e a violência conjugal (SCANTAMBURLO; MORÉ; CREPALDI, 2012; MARASCA; COLOSSI; FALCKE, 2013; DE ANTONI; BATISTA, 2014; RAZERA; CENCI; FALCKE, 2014). Ou seja, as autoras destacam a relevância das pesquisas sobre a reedição da violência conjugal em relação ao que foi vivenciado no seio familiar e repassado de uma geração para outra. Nesta perspectiva, o estudo de Colossi, Marasca e Falcke (2015) destaca o número elevado da relação entre as experiências de maus-tratos vivenciados na infância na família de origem e a violência conjugal, numa amostra com 300 sujeitos de ambos os sexos. Resultados semelhantes foram verificados num estudo mexicano, realizado por Hernández e Chávez (2014), que revelam também a associação entre episódios de violência intrafamiliar e violência conjugal, na amostra com cinco casos do sexo feminino.

Gómez (2011) aponta que o abuso infantil é um fator relevante para os casos de perpetração e vitimização de violência no futuro, no âmbito de uma relação íntima. Em estudo longitudinal, numa amostra com 4.191 participantes, dos Estados Unidos, a autora concluiu

que o abuso infantil e a violência no namoro foram fatores que potencializaram a ocorrência da violência conjugal – vítima e perpetrador – para ambos os sexos. Neste seguimento, pesquisa que objetivou investigar a influência da transmissão intergeracional da violência física e psicológica, com 2.541 estudantes universitários americanos, concluiu que vivenciar episódios de violência na infância é um forte preditor para o envolvimento em relações de namoro violentas tanto para rapazes como para moças (GOVER et al., 2008). Objetivos semelhantes de investigação, bem como resultados equivalentes, foram encontrados nos estudos portugueses de Oliveira, Sani e Magalhães (2012) e Faias, Caridade e Cardoso (2016); o primeiro revelou que 64%, dos 283 adolescentes que participaram do estudo testemunharam violência psicológica no âmbito familiar e 16,3%, violência física. Dessa forma, as autoras apontam que há uma estreita correlação entre ser vítima de violência indireta no ambiente familiar e ser vítima ou cometer violência no namoro. O segundo estudo, realizado com 505 adolescentes, destacou que os participantes que vivenciaram ou testemunharam na família a violência psicológica perpetraram violência em suas relações de namoro.

Concordamos com Grover et al. (2008), Oliveira, Sani e Magalhães (2012) e Scantamburlo, Moré e Crepaldi (2012) ao ressaltarem que presenciar episódios de violência entre os pais e/ou ser exposto à violência direta não são preditores únicos que garantam a vitimização/perpetração nas relações íntimas vivenciadas por adolescentes ao longo de sua vida. Dessa forma, a leitura da etiologia de tal fenômeno seria simplista e reducionista diante de um problema de saúde pública grave, complexo e multideterminado.



3 VIOLÊNCIA NO NAMORO ENTRE ADOLESCENTES

“O amor é isso. Não prende, não aperta, não sufoca. Porque quando vira nó, já deixou de ser laço.”

Mário Quintana

O fenômeno da violência no namoro ainda é pouco estudado no Brasil ao se comparar com a produção da literatura internacional sobre a temática. Nesse sentido, este é um aspecto diferente das comunidades científicas de países como os Estados Unidos, Canadá, Portugal e Espanha, que apresentam vastas pesquisas e publicações com o tema em questão (WEKERLE; WOLFE, 1999; FOSHE; ARRIAGA, 2004; NCFV, 2006; MATOS et al., 2006; FERNÁNDEZ-FUERTES; ORGAZ; FUERTES, 2011; MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011; SANTOS; MURTA, 2016; CECHETO et al., 2016; BRANCAGLIONI; FONSECA, 2016).

De modo geral, no passado recente, as investigações sobre a violência nas relações de namoro ou ficar adolescentes e jovens apresentavam baixa visibilidade no cenário científico nacional. Esse aspecto pode estar relacionado ao fato de que a sociedade brasileira privilegie o namoro como espaço apenas para a manifestação de prazer e afeto e não de violência (GOMES, 2011). No entanto, as pesquisas a respeito da violência conjugal, cujo principal objeto de estudo é o casamento, apresentam vastas publicações no país. Todavia, diante da gravidade e alta prevalência do fenômeno entre jovens, este contexto nacional vem se modificando e pesquisas a respeito da temática vêm se desenvolvendo e ganhando espaço. Os estudos empíricos realizados neste domínio evidenciam que os grupos etários mais jovens não estão imunes a este grave problema de saúde pública (CDC, 2016; OMS, 2015).

O CDC aponta que a violência no namoro entre adolescentes (*teen dating violence*) refere-se à violência física, sexual, psicológica ou emocional e à perseguição em um relacionamento amoroso (CDC, 2016). No Brasil, Njaine (2015, p. 382) assinala que a “violência no namoro ou nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes pode ser qualquer comportamento que prejudique o desenvolvimento e a saúde da(o) parceira(o) e comprometa a sua integridade física, psicológica ou sexual”.

A literatura especializada sobre o tema identifica várias formas de violências praticadas no âmbito do relacionamento de namoro ou ficar dos adolescentes. Para uma melhor compreensão, o quadro abaixo apresenta uma síntese dos tipos e ocorrência da violência, segundo documentos do *Love is respect* (2016a, 2016b); CDC (2016) e o NCFV, (2006).

Quadro 1 – Tipos de violência

(continua)

Tipo de Violência	Quando ocorre	Exemplo
Física	Pode ocorrer quando a(o) parceira(o) utiliza a força física contra o outro. Pode ser caracterizada como moderada (risco de ferimentos ou danos permanentes são baixos) ou severa (riscos de ferimentos graves são altos). A forma mais comum da violência no namoro é a forma moderada.	Bater, estapear, estrangular, chutar, agarrar, puxar o cabelo, empurrar ou agredir com arma ou objeto.
Psicológica (emocional/verbal)	Pode ocorrer quando um(a) parceiro(a) ameaça o outro ou prejudica sua autoestima. É uma forma de violência mais comum nos relacionamentos de namoro.	Insultar, xingar, humilhar, assediar, ameaçar, menosprezar, constranger intencionalmente em público, afastar a(o) parceira(o) da família e dos amigos, dizer o que a (o)parceira (o) vai vestir, acusar de traição e ameaçar de suicídio.
Sexual	Pode ocorrer quando a(o) parceira(o) força ou pressiona o outro a relacionar-se intimamente sem consentimento. Pode ocorrer também quando um dos parceiros ameaça espalhar boatos caso a(o) parceiro se recuse a ter relações sexuais, por exemplo.	Forçar a(o) parceira(o) a ter relação sexual sem camisinha, relação sexual sem consentimento, ser tocado ou beijado de maneira forçada e não desejada pelo outro(o).
Financeira	Pode ocorrer quando a(o) parceira(o) exerce controle das finanças.	Impedir o outro de trabalhar, exigir o controle do salário, destruir propriedade ou quaisquer outros bens, insistir em pagar algo para, posteriormente, receber alguma coisa em troca.

Quadro 1 – Tipos de violência		
(conclusão)		
Tipo de Violência	Quando ocorre	Exemplo
Digital	Pode ocorrer quando a(o) parceiro utiliza a internet por meio das redes sociais com o objetivo de constranger e perseguir o outro.	Compartilhar fotos ou vídeos íntimos da(o) parceiro, enviar ameaças por <i>e-mail</i> , redes sociais ou SMS, logar (<i>hackear</i>) a rede social ou contas de <i>e-mail</i> sem permissão, forçar a compartilhar as senhas das redes sociais e contas de <i>e-mails</i> , efetuar ligações constantes ou enviar mensagens para monitorar o(a) parceira(o), checar com frequência o telefone (registros de chamadas e mensagens).
Perseguição	Pode ocorrer quando a(o) parceiro se utiliza de ameaças e assédio sucessivos causando medo e ansiedade pela presença indesejada.	Esperar o outro na saída do trabalho, escola ou casa, provocar encontros.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A vivência de um namoro violento pode desencadear sintomas como depressão, ansiedade, abuso de álcool e drogas, comportamentos antissociais, ideação suicida, comportamento sexual de risco. Assim, é vista como um problema de saúde pública que apresenta consequências a curto e longo prazo para o adolescente em desenvolvimento. Ademais, é também considerada uma forma prematura da violência conjugal (NJAINÉ, 2015; CDC, 2016; OMS, 2015). Uma pesquisa sobre as razões de tentativa de suicídio realizada com doze adolescentes entre 10 e 19 anos, atendidos em um hospital de emergência de Fortaleza, estado do Ceará, concluiu que:

O amor não correspondido, tendo esse amor a conotação do afetivo, do namoro, do caso, da primeira entrega; contudo, não foi só nesse sentido que o “amor não correspondido” foi mencionado. Este também foi aludido quanto à fragilidade dos vínculos no relacionamento familiar, às escassas demonstrações de carinho, às

ausências do respeito entre os membros da família, à falta de valorização da pessoa do adolescente, do seu físico e estética (VIEIRA et al., 2009, p. 1.828).

Dois aspectos se destacam no âmbito da violência no namoro, a saber: o primeiro diz respeito ao caráter bidirecional do fenômeno, ou seja, ambos perpetram a violência no relacionamento de namoro ou ficar. O estudo mexicano de Lazarevich et al. (2013), o brasileiro de Barreira et al. (2014) e o português de Beserra et al. (2016) corroboram com a bidirecionalidade da violência. Nesse contexto, o objetivo da pesquisa de Barreira et al. (2014) foi investigar a prevalência da violência física e psicológica entre namorados adolescentes e seu padrão de direcionalidade, indicando a perpetração da violência cometida apenas pela moça, apenas pelo rapaz ou por ambos. Os autores concluíram que a violência é bidirecional em 83,9% dos adolescentes que participaram da pesquisa. Para os autores citados, o conceito de violência bidirecional é aquele em que ambos os parceiros se agredem mutuamente. Destaca-se que o padrão bidirecional da violência entre namorados é o mais aceito e encontrado na literatura internacional. No entanto, os autores salientam que a agressão simultânea entre ambos, no namoro, necessita de um aprofundamento e mais estudos, uma vez que esses achados não corroboram com os números da violência contra a mulher adulta nas relações íntimas.

O segundo ponto revela que as adolescentes perpetram mais violência contra o parceiro íntimo. O estudo de Oliveira, Q. et al. (2011) aponta que as moças (28,5%) agredem mais fisicamente o namorado do que os rapazes contra as namoradas (16,8%). Resultados semelhantes foram encontrados por Fernández-Fuertes, Orgaz-Baz e De Lima-Silva (2015) ao pesquisarem agressões no namoro com adolescentes de ambos os sexos da Costa Rica. Nesse ponto de vista, trata-se de aspectos que divergem das características, bem como das estatísticas reveladas sobre a violência contra a mulher adulta por parceiro íntimo. Sobre os números da violência contra a mulher por parceiro íntimo no país, no primeiro semestre de 2016, apenas na região Nordeste, a Secretária Especial de Políticas para Mulheres (SPM) destacou que o Ligue 180 (Central de Atendimento à Mulher) recebeu 67.962 relatos de violências, 67,63% aconteceram em um relacionamento heterossexual. Em 41% dos casos, a relação do casal durou mais de 10 anos, e em 39,34%, a violência é diária (BRASIL, 2016).

No panorama nacional, a respeito dos impactos de perpetrar e ser vítima (ou, ainda, ambos os casos) de um namoro violento, as pesquisadoras brasileiras Diniz e Alves (2015) versam que não se tem ainda no país o conhecimento sobre as consequências em curto, médio e longo prazo desse tipo de violência na adolescência nem tampouco se tem a dimensão fidedigna de incidência e prevalência do fenômeno em nosso país.

No que diz respeito aos instrumentos utilizados nos estudos pesquisados, verificou-se que em muitos deles (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011; FERNANFEZ-FUERTES; ORGAZ-BAZ; DE LIMA-SILVA, 2011; WOLFE et al., 2001; SOARES; LOPES; NJAINE, 2013; BARREIRA; LIMA; AVANCI, 2013; LAZAVEVICH et al., 2013; BARREIRA et al., 2014; OLIVEIRA, Q. et al., 2014; FERNANFEZ-FUERTES; ORGAZ-BAZ; DE LIMA-SILVA, 2015; BRANCAGLIONI; FONSECA, 2016) foi utilizada a escala *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory* (CADRI). O referido instrumento foi desenvolvido por Wolfe et al. (2001) no Canadá e adaptado e validado para o português por Minayo, Assis e Djaine (2011). Refere-se a um instrumento para o público adolescente, autoaplicável com 70 itens que aferem a vitimização e a perpetração de violência sexual, psicológica e física, assim distribuídos: 25 questões mensuram a violência perpetrada, 25 avaliam a violência sofrida e os outros 20 itens não são avaliados na escala por apresentarem conteúdos que não retratam a temática da violência no namoro entre os adolescentes. Outro aspecto observado foi de que boa parte dos estudos é de natureza quantitativa.

A Organização Mundial da Saúde (OMS), no relatório mundial de prevenção à violência, divulgado no Brasil em 2015, destacou que, dos 133 países que da pesquisa participaram, 22% deles relataram a implantação de programa de intervenção para prevenir a violência no namoro entre jovens. A porcentagem de distribuição dos programas de prevenção fica assim evidenciada por região, Mediterrâneo Oriental (0%), Sudeste Asiático (13%), Pacífico Ocidental (15%), Africana (22%); Europeia (27%) e, por fim, a região das Américas com a maior porcentagem de implantação de programas dessa natureza, com 38%. O documento ainda aponta que:

Não surpreende que poucos países tenham relatado a implantação, nas escolas, de programas de prevenção da violência no namoro. Embora a prática do namoro talvez não ocorra ou não seja aceitável pelos governos de alguns países, apenas alguns programas de prevenção de violência entre namorados nas escolas vêm sendo desenvolvidos para ajudar os jovens a lidar com a violência no relacionamento e a aprender habilidades de relacionamento saudável e positivo que podem ser levadas para a vida adulta. Na maioria dos países de alta renda, as avaliações desses programas mostram algumas mudanças positivas em conhecimentos e atitudes em relação à violência no relacionamento, e reduções limitadas em determinadas formas de comportamentos abusivos (OMS, 2015, p. 28, 29).

Neste sentido, destacamos que as pesquisas sobre programas de intervenção, bem como prevenção da violência no namoro para adolescentes ainda são escassas no Brasil. Murta et al. (2013) realizaram um estudo em Brasília/Distrito Federal com 60 adolescentes divididos em dois grupos: Condição Intervenção (CI) com 27 adolescentes e Condição

Controle (CC) com 33 adolescentes em condições experimentais. O objetivo era avaliar a repercussão de uma intervenção preventiva relacionada ao enfrentamento à violência no namoro e crenças sexistas homofóbicas. Os resultados em intenção de enfrentamento à violência no namoro foram similares entre as condições experimentais, com aumento em intenção de negociação e redução em intenção de resignação e violência. Contudo, os resultados do estudo não são conclusivos e podem ser comparados com novas pesquisas a fim de corrigir limitações apontadas pelos autores. Em continuidade, mais recentemente, Murta et al. (2016) avaliaram em uma escola pública do Distrito Federal, os efeitos de um programa de prevenção à violência no namoro. Como no estudo anterior, 45 adolescentes foram separados em grupo experimental e grupo controle. Como resultados demonstram redução significativa em crenças que apoiam a restrição emocional como característica masculina no grupo experimental, ao passo que intenções de enfrentamento à violência no namoro e regulação emocional não sofreram mudanças significativas em nenhum dos grupos. Os autores apontam que outros estudos de caráter longitudinal são necessários para esclarecer esses resultados.

Evidencia-se que é no período da adolescência que as relações de amizade e de namoro ganham maior importância, a família vai cedendo espaço para a construção de outros relacionamentos e interações. As relações amorosas começam a ocupar um lugar privilegiado na vida desses indivíduos. É nessa fase do ciclo do desenvolvimento que “o comportamento dos adolescentes resulta de uma interação complexa entre processos pessoais, relacionais, transgeracionais e sociais” (DINIZ; ALVES, 2015, p. 39).

3.1 Prevalência da violência no namoro entre adolescentes

Uma pesquisa multicêntrica investigou a violência nas relações afetivo-sexuais, ficar ou namorar de adolescentes no cenário nacional, em dez capitais brasileiras. Participaram do estudo 3.200 alunos na faixa etária de 15 a 19 anos de 104 escolas públicas e privadas entre os anos 2007 e 2009. A investigação aponta que a maioria das meninas e dos meninos, 76,6%, simultaneamente, perpetra e sofre vários tipos de violência no relacionamento, dados que corroboram com as pesquisas internacionais, aponta estudo. Na violência verbal, esse número sobe para 96,9%, a alta taxa aponta a banalização e a aceitação desse tipo de violência por parte dos adolescentes. Na tipologia violência física 64,1% dos estudantes que participaram da pesquisa agredem e também são agredidos fisicamente por seus parceiros(as). Sobre a violência sexual, 83,1% são vítimas e perpetradores ao mesmo tempo. É importante ressaltar que os itens aferidos nesse quesito foram: beijar quando o parceiro não quer (item que elevou

o índice de violência sexual na pesquisa); tocar sexualmente e forçar a fazer sexo quando ele ou ela não deseja e ameaçar para tentar fazer sexo. Com respeito à violência autoinfligida (pensamentos e tentativas de suicídio), a pesquisa revelou que 19,3% dos entrevistados já pensaram em dar cabo da vida por causa do término de uma relação amorosa (OLIVEIRA, Q. et al., 2011; OLIVEIRA, R. et al., 2011).

Os resultados de uma pesquisa sobre a prevalência de perpetração de violência física e psicológica entre adolescentes namorados na cidade do Recife, no estado de Pernambuco demonstram que 19,9% dos participantes cometeram algum tipo de violência física e 82,8% deles perpetraram violência psicológica em seus namoros; evidenciou-se também que, geralmente, há a coocorrência da violência física com a psicológica (BARREIRA; LIMA; AVANCI, 2013).

Neste mesmo sentido, Brancaglioni e Fonseca (2016) apontam que 95,7% das meninas e 83,3% dos rapazes já haviam perpetrado pelo menos uma tipologia de violência em suas relações de namoro. O estudo concluiu que as meninas perpetraram mais violência do que os meninos, com exceção apenas da violência sexual, mais cometida pelos meninos. A perpetração da violência psicológica foi verificada em 90% da amostra. A pesquisa foi realizada em Curitiba, estado do Paraná com 111 adolescentes entre 15 e 19 anos. As pesquisadoras concluíram que as relações amorosas (namoro e ficar) dos participantes são menos assimétricas em comparação com as relações matrimoniais. Esta particularidade estaria relacionada a características próprias de um relacionamento amoroso deste grupo etário, uma vez que, no casamento, a relação de poder homem-mulher tende a aumentar.

Números semelhantes foram encontrados em estudo espanhol com 601 adolescentes entre 15 e 19 anos de Fernández-Fuertes, Orgaz e Fuertes (2011). A violência psicológica foi a que obteve maior porcentagem (95%) de vitimização e perpetração entre os participantes. Quanto à violência física apresentou número reduzido, 25,3% dos adolescentes relataram ter cometido esse tipo de agressão. Não houve variação significativa entre os sexos nestes dois itens. 51,1% afirmaram ter perpetrado violência sexual. Neste item, observa-se que os meninos cometeram mais violência do que as meninas; entretanto, não há diferenças significativas entre o número de adolescentes que foram vítimas.

Nos Estados Unidos, uma pesquisa nacional realizada com estudantes de 10 a 24 anos, com objetivo de investigar o comportamento de risco juvenil, constatou que 10,3% deles já haviam vivenciado algum episódio de violência física (ser atirado contra algo, ferir-se com um objeto ou arma por alguém com quem namorava ou ficava) e 10,4% dos entrevistados reportaram alguma experiência de violência sexual (ser beijado e tocado sem permissão, ou

ainda, forçado a ter relações sexuais quando não queriam) por alguém que namoravam ou saíam durante os 12 meses que antecederam a pesquisa, conforme dados de Kann et al. (2013).

Dada a alta prevalência de jovens envolvidos em situações de violência física, sexual, psicológica e controle exercido pela (o) parceira (o) no namoro, o ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, em 31 de janeiro de 2012, promulgou o Decreto nº 8777, e instituiu fevereiro como o mês nacional de conscientização e prevenção da violência no namoro entre adolescentes (*National Teen Dating Violence Awareness and Prevention Month*).

3.2 Fatores de risco

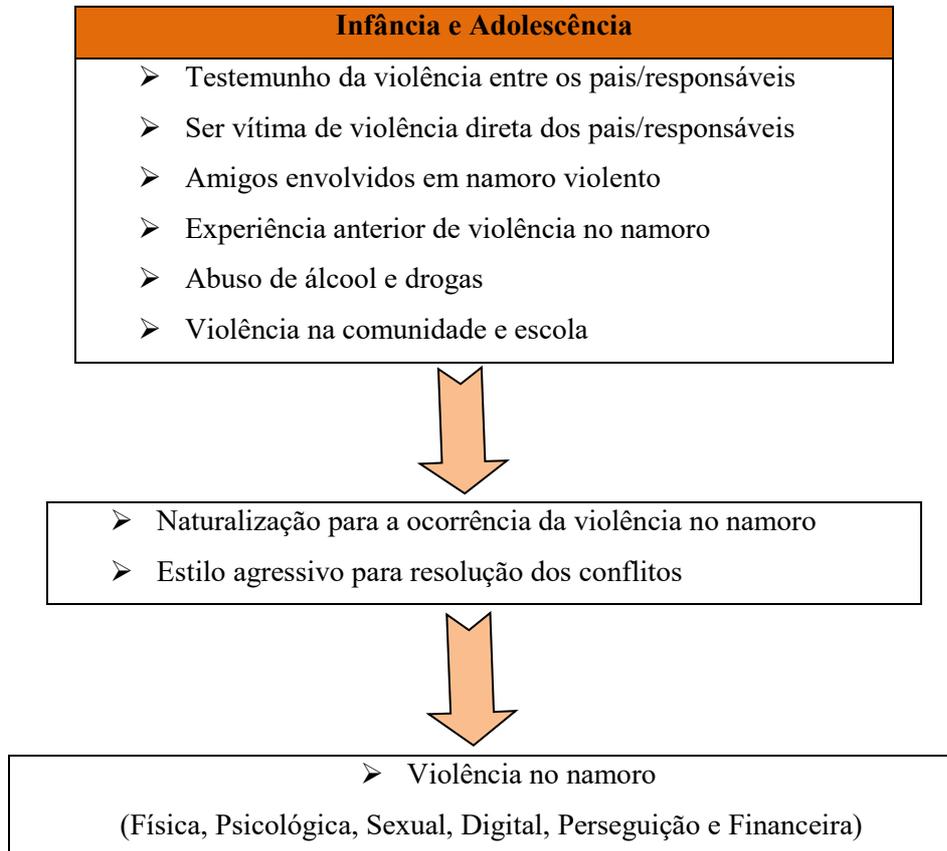
Em relação aos fatores de risco, a literatura aponta que sofrer violência intrafamiliar direta ou presenciar a violência entre pais ou familiares, vivenciar episódios de violência na comunidade e na escola, abuso de álcool e drogas, ter amigos envolvidos em namoro violento, crença de que a violência no namoro é natural, experiência pregressa de namoro violento, entre outros, pode ser considerado preditor de violência no namoro. A complexa interação entre esses fatores pode possibilitar o envolvimento do indivíduo em situações de violência contra o parceiro íntimo (CDC, 2016; DINIZ; ALVES, 2015; OLIVEIRA, Q. al., 2011; ASSIS et al., 2011; ANACONA, 2008; NCFV, 2006). Nesse contexto, Assis et al. (2011, p. 177) revelam ainda que “a violência psicológica entre irmãos, praticada por meio de xingamentos e humilhações, mostra-se associada à vitimização por violência física e relacional no namoro ou no ‘ficar’”.

Pesquisa de Oliveira, Q. et al. (2014) ilustra o que a literatura aponta como fatores de risco associados à violência no namoro. Como resultado os autores assinalam que o aumento do número de eventos de violência psicológica perpetrada pelos adolescentes em seus relacionamentos íntimos está relacionado à elevada violência verbal da mãe e do pai; e também a frequente vivência de violência psicológica irmãos, amigos e àquela presente nos namoros anteriores. Tais resultados fortalecem a noção de circularidade da violência psicológica nos variados contextos de socialização do adolescente e destacam a continuidade do comportamento agressivo em outras relações de namoro.

A associação entre o consumo de álcool e drogas ilegais com a violência no namoro foi verificada por Muñoz-Rivas et al. (2010), numa amostra composta por 1.282 jovens espanhóis do grupo etário de 15 a 20 anos. Como resultados os autores apontam que o uso de álcool e as drogas são considerados como um fator de risco para a violência no namoro.

O quadro a seguir ilustra os fatores de risco assinalados na literatura para a vitimização/perpetração da violência no namoro.

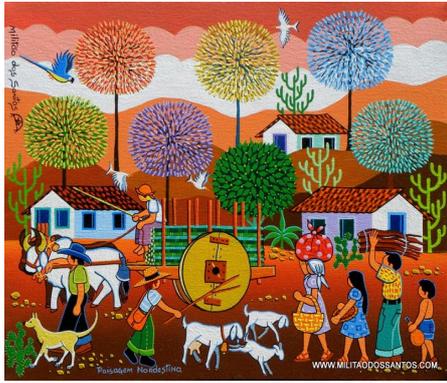
Quadro 2 – Fatores de risco para a ocorrência da violência no namoro



Fonte: Anacona, 2008, adaptado pela pesquisadora.

Para Barreira, Lima e Avanci (2013), as maiores chances de se perpetrar violência psicológica foram identificadas entre os adolescentes que vivenciaram violência na comunidade; estes apresentam quatro vezes mais chances de cometer esse tipo de violência no namoro, e, ainda, em relacionamentos de mais de um ano de duração. Sofrer violência física do pai, entre irmãos e em namoros anteriores, além de ter perpetrado violência verbal em relacionamentos anteriores, foram variáveis que aumentaram a chance de praticar a violência física e psicológica nas relações de namoro.

No capítulo a seguir apresentaremos o método e os objetivos que abarcam esta dissertação.



4 MÉTODO

“A violência pode não ser o livro inteiro da história de um sujeito. A violência pode ser um capítulo, um parágrafo ou até mesmo uma linha na história de vida de alguém.”

João Villacorta

Na presente pesquisa, interessa-nos compreender as relações amorosas dos adolescentes que vivenciaram ou vivenciam contextos de violência intrafamiliar. Para tanto, utilizamos a metodologia de natureza qualitativa de caráter exploratório, pois, adequa-se aos objetivos propostos e ao campo de interesse. As investigações qualitativas têm como foco o estudo de fenômenos particulares e complexos de determinados grupos e sujeitos. Richardson (1999, p. 80) aponta que:

Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

Neste sentido, Minayo (2014) versa que a pesquisa qualitativa se fundamenta em uma estratégia baseada em dados coletados diante de interações sociais de grupos circunscritos, analisadas a partir dos significados que os atores atribuem ao fenômeno, como vivem, pensam e sentem.

Elegemos o estudo de caso como estratégia de investigação da pesquisa. Esses podem ser únicos ou múltiplos. A presente pesquisa trata de um estudo de casos múltiplos. Para Yin (2010) o estudo de caso é utilizado em várias áreas do conhecimento como, por exemplo, psicologia, antropologia, assistência social e educação. O autor aponta que o estudo de caso é uma investigação empírica que busca aprofundar a respeito de um fenômeno atual levando em consideração seu cenário de vida real, especialmente, quando os “limites entre o fenômeno e contexto não são claramente evidentes” (YIN, 2010, p. 39). Esse método busca conhecer em profundidade o singular, sem ignorar o contexto e suas interligações (ANDRÉ, 2005).

4.1 Objetivos

4.1.1 Objetivo geral

- Compreender como o adolescente com histórico de violência intrafamiliar constrói suas relações amorosas.

4.1.2 Objetivos específicos

- Identificar episódios de violência intrafamiliar contra o adolescente.
- Analisar as possíveis ocorrências da violência sofrida ou perpetrada pelo adolescente, em suas relações amorosas.
- Identificar as possíveis ocorrências de bidirecionalidade da violência nas relações amorosas do adolescente.

4.2 Participantes

Participaram da presente pesquisa quatro adolescentes de ambos os sexos, com idades entre 15 e 18 anos, residentes em bairros periféricos da região metropolitana do Recife-PE. Todos os participantes cursam o ensino médio. Três deles trabalham informalmente. Dois namoram e dois não estão em um relacionamento amoroso fixo. A própria residência foi a escolha para a realização da entrevista em três casos. Nas demais entrevistas, uma sala de aula reservada na escola foi o local solicitado pelos outros participantes.

Os critérios de inclusão para o estudo foram: adolescentes expostos a episódios de violência intrafamiliar na infância ou na adolescência; terem ficado ou namorado, independentemente do tempo de duração da relação; não estivessem casados ou em união estável no momento da pesquisa. O adolescente vivendo em instituições de acolhimento foi considerado um critério de exclusão.

Visando à garantia do anonimato e valorização da participação na pesquisa, pedimos aos adolescentes que escolhessem o nome como desejavam ser chamados. Um participante solicitou que a pesquisadora fosse a responsável pela escolha do nome. Dessa forma, decidimos pôr um nome de pedra preciosa. Destacamos que todos os outros nomes citados nos casos do presente estudo são igualmente fictícios.

4.3 A técnica de amostragem bola de neve nesta pesquisa

Desde a construção do projeto de pesquisa, levantamos possíveis obstáculos para acessar os adolescentes com vivência de violência intrafamiliar, especialmente, porque os participantes não deveriam estar em uma instituição de acolhimento no momento da realização da entrevista. Por conseguinte, elencamos outros aspectos dificultadores que poderíamos encontrar: a violência no âmbito das relações familiares pode ser naturalizada por

seus membros; o tema é delicado e, muitas vezes, não extrapola o âmbito do privado; a família poderia não autorizar a entrevista por receio da exposição dos conflitos, e ainda, a recusa do próprio participante.

Diante deste cenário, a escolha dos participantes deu-se pela técnica de amostragem não probabilística denominada bola de neve. Esta é aplicada em pesquisas quando os participantes são de difícil acesso ou fazem parte de algum grupo de risco. Trata-se, portanto, de um método que se utiliza da rede de amizades dos próprios participantes da pesquisa e se torna pertinente para:

[...] uma série de fins de pesquisa e é particularmente aplicável quando o foco do estudo é uma questão sensível, possivelmente sobre algo particularmente privado, e, portanto, requer o conhecimento das pessoas pertencentes ao grupo ou reconhecidos por estas para localizar as pessoas para o estudo (BIERNACKI; WALDORF citado por VINUTO, 2014, p. 204).

Turato (2008) aponta quatro passos para a realização da referida técnica: a) faz-se uma primeira entrevista com o participante indicado; b) após coletar o material, transcrever e analisar, o pesquisador terá uma compreensão inicial do problema; c) o pesquisador volta a campo para a segunda entrevista com um participante indicado pelo primeiro. Realiza-se uma entrevista similar, eventualmente, com questões mais bem construídas; d) sucessivamente vai entrevistando novos participantes indicados, até o instante em que perceber que a amostra esteja concluída.

O caminho para o desenvolvimento da amostragem bola de neve, nesta pesquisa, iniciou-se com o contato com três psicólogas e uma assistente social, que poderiam localizar participantes dentro do perfil proposto. Duas delas são mestrandas do programa de pós-graduação em psicologia clínica da UNICAP e outras duas concluíram o mestrado na mesma instituição. Como Lima (2014) as chamaremos de informantes-chaves. Essas pessoas que inicialmente contatamos conheciam outras pessoas, os intermediários, que indicaram os adolescentes dentro do perfil que procurávamos e, assim, sucessivamente, até o fechamento da amostra por saturação.

Os participantes que acessamos por meio da primeira informante-chave não indicaram outros participantes, após a finalização da entrevista. O motivo por eles alegado foi semelhante: precisavam pensar em alguém que quisesse participar. A segunda informante-chave nos apresentou a uma diretora de escola localizada na região metropolitana do Recife. Apresentamos os detalhes do projeto de pesquisa e ela se mostrou bastante interessada na

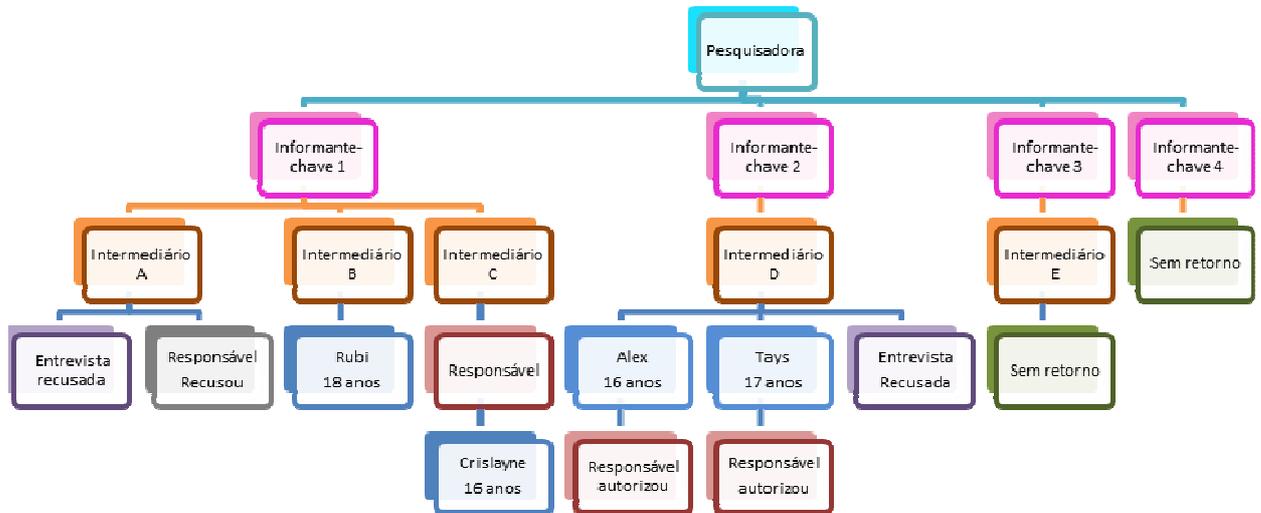
temática, uma vez que alguns dos escolares já apresentaram queixas de maus-tratos ocorridos em casa. Nesse encontro, combinamos alguns pontos importantes para a realização de algumas entrevistas nesse espaço escolar, a saber: a diretora faria um primeiro contato com alunos no perfil solicitado, a fim de explorar o desejo do adolescente em participar da pesquisa, após a afirmativa do aluno. A diretora contatou os pais/responsáveis para falar sobre a temática e os objetivos da pesquisa, bem como da necessidade da sua autorização para a participação do filho(a) no estudo. Para não expor os casos de violência intrafamiliar sofridos por alguns estudantes, três adolescentes que não contemplavam o perfil desejado foram convidados a participar e os seus pais também informados para a devida autorização. Uma semana após, as entrevistas foram realizadas em dois dias no período matutino e vespertino com sete alunos.

O intermediário da terceira informante-chave não retornou contato após várias tentativas. Fato semelhante ocorreu com a quarta informante-chave que informou não conhecer nenhum adolescente com o perfil solicitado.

Três participações foram recusadas por diferentes motivos. A primeira delas foi de uma adolescente de 16 anos. Ela alegou que os pais não dariam permissão para que os “problemas de brigas” que ocorrem em casa fossem revelados, mesmo garantindo o anonimato. No segundo caso, o responsável não autorizou a participação do adolescente de 17 anos e não justificou a decisão. Por fim, um adolescente de 18 anos nos relatou que não se sentiria confortável em ter a sua entrevista gravada.

Abaixo, apresentamos um gráfico que visa facilitar a compreensão do caminho percorrido pela pesquisadora até encontrar os adolescentes que compõem a amostra. Para tanto, tomamos como base Lima (2014) que também utilizou a técnica de amostragem bola de neve em seu estudo.

Figura I- Contatos realizados para acessar os participantes



Legenda

- Informantes-chaves
- Pessoas que intermediaram o contato com possíveis participantes da pesquisa
- Pessoas que não retornaram o contato para indicação de participantes
- Responsável que autorizou a participação do adolescente
- Adolescentes entrevistadas(os)
- Adolescentes que recusaram a participar da pesquisa
- Responsável que não autorizou a participação do adolescente

Fonte: Lima (2014), adaptado pela pesquisadora.

4.4 Instrumentos

Como forma de colaborar com a coleta de dados, utilizamos uma entrevista com roteiro semiestruturado. O roteiro que construímos foi constituído por dois blocos, o primeiro com questões sobre as relações familiares e um segundo sobre as relações de namoro ou ficar do adolescente. Para a composição de algumas perguntas do segundo bloco, tomamos como base questões presentes na escala CADRI (*Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory*).

A entrevista semiestruturada não apresenta uma ordem rígida das questões elaboradas e o entrevistado poderá discorrer sobre o conhecimento que ele tem e que é de interesse da pesquisa. Para Minayo (2014), essa tipologia de entrevista alterna entre perguntas abertas e fechadas, oferecendo ao entrevistador a oportunidade de não ficar preso às questões

previamente formuladas. A autora aponta que a entrevista direciona “uma conversa com finalidade, servindo como facilitadora de abertura, ampliação e aprofundamento da comunicação” (MINAYO, 2014, p. 99). Lançamos mão desse instrumento, pois nosso interesse era a compreensão da singularidade de cada um frente ao tema proposto.

4.5 Procedimentos éticos

Aos participantes foram assegurados os preceitos éticos da pesquisa, conforme a Resolução nº 466/12 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa da Universidade Católica de Pernambuco, sob o número CAAE: 60883516.5.0000.5206 (anexo A).

Cada um dos participantes assinou o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). Nesse documento foram informados, em linguagem acessível, os objetivos da pesquisa, a autorização para gravar a entrevista, a liberdade de desistir da participação no estudo em qualquer momento, possíveis riscos, benefícios, além da garantia de anonimato do participante. Antes do início de cada entrevista, explicamos ao adolescente sobre o que era o documento e destacamos que cada pessoa era livre para participar ou não da pesquisa, mesmo com a anuência dos pais/responsáveis. Após a explanação sobre o TALE, solicitamos que o documento fosse lido na íntegra. Finalizada a leitura, perguntamos se ainda existiam dúvidas sobre determinado ponto do documento. Depois de todos os esclarecimentos necessários, pedimos a assinatura do adolescente. Destacamos que os pais/ responsáveis do participante menor de idade também assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

4.6 Análise dos dados

Definimos para a análise dos dados obtidos via entrevista, a análise temática de conteúdo. Conforme Minayo (2014, p. 209), este procedimento equivale a “descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado”. Constitui-se das fases da pré-análise, organização do material, análise e interpretação dos dados coletados.

Primeiramente, a pré-análise baseou-se em uma leitura na íntegra do material para apropriação dos dados obtidos. Posteriormente, foi realizada a exploração do material; objetivando a organização do material de modo que fossem consideradas as questões levantadas no roteiro da entrevista. De acordo com Minayo (2014, p. 316), “nessa fase pré-

analítica determina-se a unidade de registro (palavra-chave ou frase), a unidade de contexto, os recortes, as categorizações e os conceitos mais gerais que nortearão a análise”. Na fase seguinte após a exploração do material, dá-se a compreensão do texto. Após a conclusão de tais etapas chega-se à interpretação e tratamento dos resultados. Dessa forma, foram abordados os temas recorrentes na fala dos participantes dialogando com a literatura especializada.

4.7 Definição das unidades de sentido

As unidades de sentido foram estabelecidas, primeiramente, em virtude dos objetivos desta pesquisa, a saber: a) violência intrafamiliar; b) violência no namoro; c) bidirecionalidade da violência no namoro. Outras unidades foram construídas a partir de relatos dos participantes. Para tais unidades foram atribuídos definição, tema e verbalizações organizadas em um quadro. As definições apresentadas em cada unidade de sentido relacionam-se a uma síntese dos conteúdos temáticos. Os temas, por sua vez, fazem referência às unidades de significação e núcleos de sentido oferecidos pelos adolescentes que participaram da pesquisa. Por fim, as verbalizações que compreendem as falas apresentadas pelos participantes.

Apresentamos a análise de cada caso estudado individualmente. O título dos casos abarca o nome fictício do adolescente associado a uma frase verbalizada, que mais caracterizou a sua participação. Iniciamos com uma síntese da entrevista e, posteriormente, a análise de conteúdo e análise sobre o caso.



5 RESULTADOS: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

“(...) O segundo que antecede o beijo, a palavra que destrói o amor, quando tudo ainda estava inteiro, no instante em que desmoronou, palavras duras em voz de veludo (...).”
Hebert Vianna

5.1 Caso 1 - Crislayne: “direitos iguais”

5.1.1 Síntese da entrevista

Crislayne tem 17 anos e cursa o 2º do ensino médio. Namora André há três meses. Atualmente, reside com Augusta de 62 anos e cinco membros desta família. Esta casa foi o local onde a entrevista ocorreu. Esta é a quarta família em que a participante reside. Vamos agora entender mais sobre a sua história.

Ao nascer, Crislayne morou com sua mãe [chamaremos de Cida], dois irmãos (um irmão mais velho e uma irmã mais nova). Logo após o nascimento da irmã caçula os pais se separaram. Sobre o relacionamento dos pais biológicos ela relata ter vagas lembranças: *“não lembro muito porque eu era criança, mas, às vezes, quando ele bebia tinha brigas, aí eles separavam e depois voltavam, era assim”*. Relata também brigas por ciúmes, pois o irmão mais velho não é filho biológico do seu pai. Sobre o seu relacionamento com sua mãe ela nos conta: *“minha mãe era super de boa. Só batia quando a gente merecia, né? Fazia coisa errada dentro de casa, porque criança faz muita besteira, né? [risos]”*.

Cida se casou novamente. O padrasto perpetrou violência sexual contra Crislayne, mas sua mãe não acreditou que ele fosse capaz de tal ato. O marido de Cida era envolvido com tráfico de drogas, além de ex-presidiário. Por conta disso, a casa em que residiam foi invadida, e sua mãe assassinada com um tiro na cabeça em sua frente. A morte da mãe foi motivada por acerto de contas entre traficantes. O padrasto levou um tiro na face, ficou cego, mas conseguiu sobreviver. Nessa época, ela tinha nove anos.

Após o assassinato da mãe, Crislayne e seus irmãos foram morar com o avô materno. Nesta casa, antes dos filhos de Cida chegarem, já residiam sete pessoas: a esposa do avô (chamaremos de Matilde) e seus quatro filhos frutos de um casamento anterior, além de um tio materno. A convivência com o avô foi boa; entretanto, com o passar dos anos, ela nos relata, *“a gente foi crescendo mais”*, e as cobranças com relação aos afazeres domésticos aumentaram e com eles, as brigas, caso as atividades não fossem bem executadas. Segundo Crislayne, no início, a violência verbal era dirigida a ela e à sua irmã. Duas tias maternas que

sempre visitavam Crislayne e irmãos, em uma dessas ocasiões, presenciaram a esposa do avô *“falando palavrão com minha irmã”*, aponta a participante. Tempos depois, após vários relatos de maus-tratos, as meninas foram morar com as tias em outra cidade, na região metropolitana do Recife.

Em continuação, Crislayne nos relata sua vivência com sua terceira família. Então, *“no começo, no comeeeço era bommm, depois ficou ruim”*. A participante deixa claro que apenas uma das tias, que chamaremos de Adriana, era quem sempre cometia os episódios de violência contra ela. Nas palavras da participante sobre a diferença entre as tias: *“uma é mais rigorosa do que a outra, ‘mais ruim’, digamos assim. Ela mesma diz que ela é ruim.”* A outra tia chamaremos de Márcia. Crislayne conviveu cinco anos com as tias e a irmã. E na maior parte do tempo a convivência foi bastante conflituosa. Outro episódio de violência sexual foi vivenciado por Crislayne. Dessa vez, o namorado da tia Márcia, ao se levantar, saiu despido do quarto ao vê-la varrendo a cozinha.

O primeiro namoro de Crislayne foi consentido pela tia Adriana e durou sete meses. Sobre a permissão concedida para namorar, ela nos pontua: *“deixou porque ela era ambiciosa, que ele tinha carro, tinha moto, tinha sitio, tinha tudo.”* Entretanto, a tensão entre elas aumentou, após Crislayne iniciar o namoro com André de 22 anos, seu segundo namorado. Ele já foi usuário de drogas, além de ter sido preso por cometer pequenos delitos. Ao sair da cadeia, André ficou internado em comunidade terapêutica por seis meses. A tia não aprovou esse relacionamento e exigiu o término, mas Crislayne não terminou e argumentou com a tia sobre as suas razões para continuar com o relacionamento: ele está recuperado, tinha voltado aos estudos e ia começar a trabalhar.

Em uma noite, ao chegar de mãos dadas com André, em frente da igreja católica que frequentam, eles encontram com a tia Adriana que, ao vê-los juntos, primeiramente bate na face de Crislayne e nos braços de André, além de proferir xingamentos contra o casal. O conflito continua ao entrarem na igreja na frente de todos que participavam da reunião. No dia posterior a esse episódio, ela foi morar com Augusta, permanecendo até o presente. A amizade entre elas começou desde que a participante foi morar com as tias. Adriana, Márcia e a irmã caçula romperam relações com a Crislayne, por conta de sua iniciativa em deixar a casa.

Em julho de 2017, mês em que a entrevista foi realizada, o namoro de Crislayne e André completou três meses. Ao completar 18 anos no final de 2017, ela nos aponta que os seus planos são: conseguir um emprego para se casar com André, ter sua própria casa e obter a guarda da irmã caçula, *“se ela quiser”*.

Após esse breve relato, daremos início à análise desse caso.

5.1.2 Unidades de sentido

VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR	
Episódios de violência vivenciados no âmbito da família	
TEMAS	VERBALIZAÇÕES
Violência na família de origem	<p><i>“Eu disse pra minha mãe (a violência sexual sofrida) e foi uma briga, mas minha mãe não se separou dele [...] foi que ela não acreditou muito que ele fosse capaz de ter feito isso.”</i></p> <p><i>“Minha mãe tava em pé aí deram um tiro na cabeça dela, ela sentou e bateu a cabeça assim [faz o gesto], entendeu? Aí foi na hora e eu fiquei lá, assim meio sem reação [...] eles mandando eu abaixar a cabeça, só que eu não conseguia, eu paralisei, eu vi tudo.”</i></p>
Violência na família extensa 1: Avô e esposa	<p><i>“ela [Matilde, esposa do avô] já bateu no meu irmão e na minha irmã.”</i></p> <p><i>“aí ela foi e bateu nela (irmã), deu uma chinelada que cortou assim [...] ficou um buraco, uma ‘sandalhada’ só [...].”</i></p>
Violência na família extensa 2: Tias	<p><i>“[...] ele [namorado da Tia Márcia] se levanta nú e passa na frente ‘de mim’ e da minha irmã, aí mandei minha irmã sair [...] ele veio pra cima de mim, aí eu fui e me tranquei no quarto [...] e quando eu saí eu saí empurrando ele com a vassoura e saí de casa também”.</i></p> <p><i>“Ela já deu quatro vezes já na minha cara [...]”</i></p> <p><i>“[...] eu tava falando dela (troca de mensagens com um rapaz), quando ela leu, ela pegou o meu telefone e estourou e bateu em mim e, na hora eu bati nela também, depois eu me arrependi, mas bati. Dei um chute nela, eu pensei que tinha quebrado a perna dela, mas não quebrou.”</i></p> <p><i>“ela tinha ido na igreja, aí me encontrou com André, aí veio e bateu em mim de novo, ela deu na minha cara, viu? aí foi bater nele [...]”</i></p> <p><i>“infelizmente, você ainda come e bebe na minha casa [Tia Adriana]. Aí eu disse que ia resolver e fui embora no dia seguinte.”</i></p>

VIOLÊNCIA NO NAMORO	
Possíveis episódios sofridos ou perpetrados no namoro ou ficar	
TEMAS	VERBALIZAÇÕES
Violência Física	<i>“Nunca tive, porque eu namorei uma vez, sete meses e era aquela coisa, a gente só se via no final de semana, saia pra lancha e voltava e com André [namorado atual] nunca teve não.”</i>
Violência Sexual	<i>“Eu denunciava ele. Eu termino logo o namoro que não vai dar certo assim. Ele tá forçando uma coisa que eu não quero. E se ele tentasse uma coisa dessa e eu não estivesse mais namorando com ele, eu denunciava, que isso já é abuso, né?”</i>

O QUE É VIOLÊNCIA NO NAMORO OU FICAR	
O que o(a) adolescente pensa sobre a violência no namoro ou ficar	
TEMA	VERBALIZAÇÕES
Agressões	<i>“é agressão. Não só de bater, mas como verbal também, com palavras.”</i>

TIPO DE EPISÓDIO DE VIOLÊNCIA NO NAMORO OU FICAR	
O que o(a) adolescente nomearia de violência no namoro ou ficar	
TEMA	VERBALIZAÇÕES
Violência Sexual	<i>“Rapaz, eu acho que só em questão de ter relação, das vezes que o parceiro pode querer, e ela também não pode. E por questão de ele querer aí ela ir lá e fazer os gostos dele ou também quando ela querer e ele não querer. Aí tem essa questão, ela tá naqueles dias, mas ele vai e quer, quer e quer e ele vai e insiste, acho que assim.”</i>

BIDIRECIONALIDADE DA VIOLÊNCIA NO NAMORO Ambos perpetram a violência no relacionamento de namoro ou ficar Como o/a adolescente reage ou reagiria diante de um episódio de violência	
TEMAS	VERBALIZAÇÕES
Direitos iguais	<p><i>“Eu ia fazer ele me pedir desculpas, direitos iguais se ele me empurrasse eu iria empurrar ele também.”</i></p> <p><i>“Também se viesse ia levar cacete, eu batia de volta. Isso eu não deixava não, deixo não, eu batia de volta.”</i></p>

5.1.3 Análise sobre Crislayne

A análise das verbalizações da participante sobre as ocorrências da violência intrafamiliar sofrida indica que, entre as tipologias apontadas pela literatura (BRASIL, 2010), Crislayne foi vítima direta de negligência, violência física, sexual, psicológica – incluindo aqui o testemunho do assassinato da mãe. A respeito de presenciar este fato, relata: *“eu tive que ir pra psicólogo, porque eu tava com depressão [...] eu também com nove anos e vê isso tudinho”*.

Por meio de seus relatos verificamos que as vivências de episódios de violência estão presentes desde a sua primeira infância. Observamos que tais acontecimentos podem ter contribuído para que a participante desenvolvesse uma construção própria de se defender das violências sofridas no âmbito de suas relações familiares. Neste sentido, identificamos como Crislayne resguardou a si mesma e a irmã ao ser mais uma vez exposta à situação de violência sexual intrafamiliar, quando o namorado de sua tia Márcia saiu do quarto nu em direção à participante:

quando ele se levanta, ele se levanta nu e passa na frente de mim e da minha irmã, aí mandei minha irmã sair, aí quando a minha irmã saiu, ele veio pra cima de mim, aí eu fui e me tranquei no quarto, vesti uma roupa porque eu estava de pijama e quando eu saí eu saí empurrando ele com a vassoura e saí de casa também [...] aí eu tinha ligado para um amigo meu, aí ele veio. Quando ele [perpetrador] viu o meu amigo chegando lá, aí ele desceu, arrumou as coisas dele, ele desceu e foi embora. Aí eu disse pra minha vizinha que é advogada, aí ela foi e ligou para a minha tia. Ai minha tia fez um barraco com ele e terminou com ele.

As vivências de violência sexual intrafamiliar sofridas por Crislayne são as mesmas evidenciadas na literatura. O estudo de Silva et al. (2016) aponta que as vítimas mais suscetíveis à violência sexual são as meninas entre 10 e 14 anos (39,35%). No que concerne ao perfil dos perpetradores, destacam-se os familiares como padrasto e pai, bem como amigos e conhecidos. A casa das vítimas foi apontada como o local de ocorrência da maioria dos casos.

Através das verbalizações de Crislayne, na categoria o que é violência no namoro, identificamos que ela se dá conta de que xingamentos e humilhações são considerados uma forma de violência nas relações de modo geral.

A participante nomeia de violência no namoro ou ficar a violência sexual. Este fato pode estar relacionado aos dois episódios por ela sofridos. Sobre a bidirecionalidade da violência no namoro entre adolescentes, verificamos que, diante da possibilidade da ocorrência de uma violência física, a participante apresenta as seguintes verbalizações: “*eu iria empurrar ele também*”, “*se viesse ia levar cacete, eu batia de volta*”. Ressaltamos que o relato da participante, nesse ponto, faz referência a uma possibilidade, uma vez que, de acordo com suas verbalizações, não foi apontada uma ocorrência concreta de violência vivida em uma relação de namoro.

O somatório de todas essas circunstâncias adversas a levaram a se afastar das situações de violência sofrida, possivelmente como uma maneira de romper com esse ciclo. Crislayne não se abate diante do cenário de violência vivido no campo familiar. Ao contrário, ela busca alternativas concretas de se distanciar de tais vivências, não se fechando no ciclo da violência. No entanto, ela enfatiza que não é passiva a uma agressão. Mesmo exposta a tantas violências a adolescente não é vítima e nem perpetra episódios de violência no namoro.

Brigar pra quê se é sem querer? Quem é que vai nos proteger? Será que vamos ter de responder, pelos erros a mais, eu e você?

Renato Russo

5.2 Caso 2 - Rubi: “tenho que estudar”

5.2.1 Síntese da entrevista

A entrevista com Rubi, 18 anos, foi realizada em sua casa. Ela mora com a mãe [chamaremos de Rosa], um irmão e uma irmã, ambos mais velhos, em uma cidade da Região Metropolitana do Recife. A participante está no 3º ano do ensino médio. Para conseguir uma renda própria, comercializa bijuterias por meio de uma loja virtual. Relata-nos também que não teve um relacionamento amoroso mais longo e sério, contudo já ficou com alguns rapazes. Ademais, a sua mãe não aceita uma relação amorosa neste momento, *“porque tem que estudar e depois ver isso e tal”*, verbaliza.

Sobre o casamento dos pais ela destaca que quando o seu pai era vivo, *“era bem complicado o relacionamento com a minha mãe, o casamento deles era muito conturbado.”* A participante aponta que os conflitos aconteciam muito pela intromissão da avó paterna nos assuntos dos pais, fato que deixava Rosa bastante desconfortável. Além disso, o pai apresentava vários problemas com o trabalho e sempre o *“stress dele”* era repassado, principalmente, para Rosa. *“Tinha dias que ele chegava normal [...], tinha dias [...] que ele chegava descontando em todo mundo.”* Rubi verbaliza que as agressões verbais eram em menor frequência direcionadas a ela e aos irmãos.

O pai de Rubi foi assassinado a tiros em abril de 2014, por conta de dívidas contraídas com agiotas. A participante relata que a morte do pai ocorreu em uma manhã da rotina ao deixar [Rubi e a irmã] no colégio. Ao parar o carro em um sinal de trânsito, dois homens em uma moto dispararam vários tiros contra o pai. A participante estava no banco de trás do automóvel.

Após essa breve contextualização da entrevista, iniciaremos a análise de suas verbalizações em cada categoria.

5.2.2 Unidades de sentido

VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR Episódios de violência vivenciados no âmbito da família	
TEMAS	VERBALIZAÇÕES
Violência entre os pais	<p>“eu já presenciei muita violência [grifo nosso] <i>dentro de casa, ele [o pai] era muito violento [...].</i>”</p> <p>“<i>ele nunca foi um bom marido e minha mãe sofreu muito com ele.</i>”</p> <p>“[...] <i>essa eu não esqueço, que um dia ele chegou [...], e ele e minha mãe começou a brigar e minha avó sempre se intrometia. A gente morava em cima da casa dela, aí ela subia pra segurar ele, só sei que nesse dia, ele levantou uma peixeira para matar a minha mãe [...].</i>”</p>
Não aguento mais	<p>“<i>a gente pedia muito pra ela se separar dele, que a gente não aguentava mais.</i>”</p> <p>“[...] <i>aí um tempo ficava separado, aí dois, três dias voltava a mesma coisa, aí ficava uns dias de bem e começava tudo de novo.</i>”</p>
Jantar para o pai	<p>[...] <i>minha mãe, falou a mim que eu tinha de fazer o jantar dele [...] aí eu fui para casa de uma amiga [...], aí ele chegou primeiro do que eu, e não tinha nada preparado pra ele comer. Aí ele brigou muito comigo, foi bem ignorante e até quase batia em mim [...].</i>”</p>
Testemunho do Assassinato do Pai	<p>“<i>mataram meu pai na minha frente [...].</i>”</p>

VIOLÊNCIA NO NAMORO Possíveis episódios sofridos ou perpetrados no namoro ou ficar	
TEMAS	VERBALIZAÇÕES
Estudar primeiro	<p>“[...] <i>eu, minha irmã, a gente cresceu na igreja e tal, aí não tem muito assim frequência de ficante.</i>”</p> <p>“<i>Eu já fiquei com algumas pessoas por um tempo, mas não foi aquele convívio. Não teve tempo para ter um conflito [...].</i>”</p>

O QUE É VIOLÊNCIA NO NAMORO OU FICAR O que o(a) adolescente pensa sobre a violência no namoro ou ficar	
TEMA	VERBALIZAÇÕES
Sofrer	<i>“[...] muito sofrimento. Você namorando uma pessoa e ainda, essa pessoa lhe agredindo.”</i>

TIPO DE EPISÓDIO DE VIOLÊNCIA NO NAMORO OU FICAR O que o(a) adolescente nomearia de violência no namoro ou ficar	
TEMA	VERBALIZAÇÕES
Violência Física	<i>“É... desrespeito e agressão física... acho que isso.”</i>

BIDIRECIONALIDADE DA VIOLÊNCIA NO NAMORO Ambos perpetraram a violência no relacionamento de namoro ou ficar Como o/a adolescente reage ou reagiria diante de um episódio de violência	
TEMAS	VERBALIZAÇÕES
Ajuda	<i>“eu nunca empurraria ele, mas se ele me empurrasse, eu não revidaria e sei lá, eu pediria ajuda a alguém, e não queria mais nada.”</i>

5.2.3 Análise sobre Rubi

Rubi presenciou, cotidianamente, desde a infância, a relação permeada de violência física e psicológica entre os seus pais. Além desse cenário, testemunhou o assassinato paterno. Em muitos desses momentos de conflito, a participante pediu a Rosa que se divorciasse como forma de se distanciar de tais vivências. Sobre um desses pedidos, ela nos relata que *“teve uma vez que a gente até saiu e foi morar com a minha outra avó [materna]. Só que ficaram separados dois meses. Meu pai ficou muito doente, emagreceu muito, chorava muito, aí minha mãe voltou, aí ele reformou a casa”*. Esse aspecto do caráter cíclico do ciclo da

violência conjugal vivenciado pelos pais da participante é evidenciado na literatura por três fases: I) Construção da tensão que compreende a vivência de pequenos eventos, mas ainda sob controle; II) Tensão máxima se refere à ocorrência da violência entre o casal e III) Lua de mel diz respeito à fase de arrependimento e o estabelecimento da relação novamente, conforme Walker (1979 *apud* FALCKE; FÉRES-CARNEIRO, 2011).

Em contextos conflituosos, como os vividos por Rubi, pode ocorrer a troca de papéis entre mãe e filha [filho parental]. Trata-se de uma dinâmica comum em situação de crise, conforme Minuchin (1982). Tal situação foi verificada quando a participante assumiu a responsabilidade de fazer o jantar para o pai.

A participante relatou com mais desenvoltura sobre os conflitos familiares do que sobre as suas relações amorosas. Este aspecto pode ser atribuído ao fato de sua mãe ser evangélica. Rubi compartilha da mesma fé de Rosa desde a infância. Por conta disso, os namoros mais sérios estão em segundo plano. Essas orientações são impostas por sua mãe, que, por sua vez, recebe imposição da Igreja. “*O pessoal até me pergunta, menina, você não tem vontade, não? Como eu e minha irmã cresceu assim, minha mãe não deixa*”, verbaliza. Neste ponto, a participante não responde diretamente à pergunta a ela direcionada acerca sobre ter uma relação de namoro.

Rubi não vivenciou nenhuma ocorrência de violência em suas relações amorosas. Sobre os tipos de episódios de violência no namoro ou ficar, nos aponta “*desrespeito*” e “*agressão física*”. As verbalizações da participante estão de acordo com a literatura que aponta que as violências físicas no namoro são as mais facilmente identificadas pelos escolares adolescentes (GARCÍA; FARRÉ, 2010). Na possibilidade de ser empurrada por um parceiro íntimo, ela nos pontua que “*não revidaria*” e “*pediria ajuda*”. Em pesquisa realizada por Soares et al. (2013), com adolescentes entre 15 e 19 anos, estudantes das redes de escolas pública e privada de Porto Alegre, RS, concluiu que apenas 5% dos adolescentes entrevistados solicitaram ajuda para problemas decorrentes de violência no namoro.

Rubi é uma adolescente que mesmo desenvolvendo-se em um lar permeado de violência, seja testemunhando desde a infância tais contextos entre os pais, e, ainda, vítima direta de violência psicológica perpetrada pelo pai, ela não consegue se perceber em uma situação de violência no âmbito de uma relação de namoro. O modelo de relacionamento dos pais pode ser algo que ela deseja evitar, não reeditando em suas relações as questões vividas em casa. Diante da possibilidade de experienciar um episódio de violência em uma relação de namoro ou ficar, a participante não se percebe revidando a violência, mas sim recorrendo à ajuda de alguém e terminando a relação.

“contra as armas do ciúme tão mortais, a submissão às vezes é um abrigo [...] todas as formas de se controlar alguém só trazem um amor vazio [...].”
 Hebert Vianna

5.3 Caso 3 - Alex: “isso eu não me esqueci”

5.3.1 Síntese da entrevista

Alex de 16 anos estuda no período matutino o 1º ano do ensino médio e reside com a mãe, um irmão mais velho, Antônio, e uma irmã caçula, Agnes, em uma cidade da região metropolitana do Recife/PE. Trabalha informalmente nos finais de semana em uma pizzaria do bairro. A entrevista foi realizada na escola. Seus pais, Amanda e Cláudio, ficaram casados por 18 anos; entretanto, divorciaram-se há três anos. O motivo desse rompimento definitivo foram os constantes casos de violência entre o casal, as agressões físicas contra os filhos, os casos de infidelidade por parte de Antônio, além do pedido dos filhos para que Amanda se separasse. *“Minha mãe ficava brigando com o meu pai direto [...] rolou um boato que ele tava tendo relação com a mulher e com a filha da mulher do mugunzá [...] aí, eu falava pra ela: se a senhora não quer que ele bata na gente, porque a senhora não separa dele?”*, diz Alex.

O participante nos relata que, ao nascer, o seu pai não o reconheceu como filho, pois havia a desconfiança de uma traição e, por esse motivo, foi registrado apenas por sua mãe. No período em que os pais foram casados, a convivência com o pai foi marcada por inúmeros episódios de violência física e psicológica cometidos contra ele e o irmão mais velho. A irmã mais nova foi mais poupada das agressões físicas porque é *“mais frágil”*. Com a mãe diz ter um bom relacionamento, uma relação de confiança, além de receber dela a liberdade para sair e conversar na rua com os amigos: *“minha mãe me trata bem. Eu trato ela bem. Tudo o que eu faço eu falo pra ela”*.

A convivência de Alex com os irmãos também é permeada por intensos desentendimentos. No momento em que a entrevista foi realizada, ele não estava falando com o irmão há mais de uma semana para evitar que *“uma coisa pior acontecesse”*. O conflito se deu, pois Antônio quebrou a bicicleta de Alex e não o informou. Com a irmã mais nova, as brigas são mais constantes ainda; *“a gente briga todo dia”*, conta-nos o adolescente.

No período da realização da entrevista, Alex havia acabado o namoro com Gabriela, 12 anos, há uma semana. Anteriormente, namorou, por 14 meses, Mariana de 15 anos. Relata-nos que os dois relacionamentos acabaram por excesso de ciúmes de sua parte.

A partir de agora, apresentaremos as verbalizações de Alex nas unidades de sentido.

5.3.2 Unidades de sentido

<p style="text-align: center;">VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR</p> <p style="text-align: center;">Episódios de violência vivenciados no âmbito da família</p>	
TEMAS	VERBALIZAÇÕES
Violência entre os pais	<p><i>“Era briga direto [...] minha mãe uma vez pegou uma faca pra se defender, meu pai uma vez deu um murro no nariz da minha mãe.”</i></p> <p><i>“O mais difícil foi quando ele brigava com a minha mãe, eu ficar presenciando aquilo, não sai da minha cabeça.”</i></p>
Violência autoinflingida por parte da mãe	<p><i>“minha mãe quando tava grávida da minha irmã, ela tomou chumbinho pra se matar.”</i></p> <p><i>“[...] minha mãe se irritou demais e queria enfiar a faca nela mesma, aí meu pai segurou a faca, tomou a faca dela. Eu vi isso tudo.”</i></p>
Relação com irmãos	<p><i>“meio complicado, a gente nem tá falando faz duas semanas [...] melhor assim, pra depois a gente não se atracar por aí e acontecer uma coisa pior” [irmão mais velho].</i></p> <p><i>“Aí é só briga. porque eu e ela não se dá muito bem não [...] eu pego ela pelo braço e saio puxando ela, ela fica querendo tirar e dar em mim, aí pra eu não dar nela, eu pego e saio”. [irmã caçula]</i></p>
Relação com o pai	<p><i>“Ele já deu em mim com um cabo de canivete, já deu em mim com corda de caminhoneiro. É uma corda bem grossona com um bocado de nó [...] isso aconteceu muitas vezes, ele batia mesmo sem dó.”</i></p> <p><i>“Uma vez ele deu em mim de murro porque eu tava rodando pião na frente da minha casa. Aí ele chegou, jogou o pião lá do outro lado, aí eu peguei e protegi o meu rosto assim (levou as mãos e cobriu o rosto), aí ele veio e começou a dar murro em mim, eu ficava com raiva dele.”</i></p> <p><i>“ele bateu em mim porque minha calça tava riscada de caneta, um risquinho de nada assim [...] aí ele deu uma tapa na minha cara na frente de todo mundo [...]. Isso aí eu não me esqueço não.”</i></p>
Relação com a mãe	<p><i>“Bater ela nunca me bateu. A gente só discute.”</i></p> <p><i>“Ela me disse uma vez: se tá achando ruim, vai embora da minha casa [...] isso ficou na minha cabeça.”</i></p>
	<p><i>“Toda vez que ele bebia eu sabia que ia ter briga. Quando ele bebia ele era</i></p>

Violência e álcool	<i>“muito brabo, ele queria brigar com todo mundo, aí ele parou de beber, senão já tinha morrido.”</i>
VIOLÊNCIA NO NAMORO Possíveis episódios sofridos ou perpetrados no namoro ou ficar	
TEMAS	VERBALIZAÇÕES
Violência Psicológica	<p><i>“[...] eu acho que eu sou muito ciumento, tinha muita briga não, quando brigava era ciúmes meu, ciúme dela. Ciúmes só.”</i></p> <p><i>“[...] eu cheguei lá na casa dela, aí pedi para ver o celular dela e ela não me deu [...]. Cheguei lá e vi ela com um menino na esquina [...] se ela tá namorando comigo, o que ela tá fazendo numa esquina conversando com outro menino.”</i></p> <p><i>“[...] ela queria ir para uma festa, aí eu falei: se você for, pode me esquecer, esqueça que eu existo. Sua mãe vai beber, sua cunhada vai beber, tu não bebe, vai fazer o que lá? Aí, ela disse: eu não vou não.”</i></p> <p><i>“se eu tô namorando com ela, pra ela parar um pouquinho de tá muito sozinha com menino.”</i></p> <p><i>“eu queria ir para o campo de futebol, jogar bola com alguns amigos. Aí, ela, não, você não tá indo para o campo, você tá indo ver outra menina [...] ela tá desconfiando de mim, é melhor prevenir do que remediar, né? eu não fui.”</i></p>
Espalhar boatos	<p><i>“ela tava colocando galha em mim. Um amigo falou isso pra mim, que ela tava ficando com outro menino.”</i></p> <p><i>“Uma amiga dela já falou pra ela que eu tava botando galha nela com outra menina, aí ela chegou em mim e conversou, conversou, conversou, aí acaba, mas não acaba. A gente continuou.”</i></p>

O QUE É VIOLÊNCIA NO NAMORO OU FICAR O que o(a) adolescente pensa sobre a violência no namoro ou ficar	
TEMA	VERBALIZAÇÕES
Bater	<i>“[...] violência é bater, é abusar da menina.”</i>

TIPO DE EPISÓDIO DE VIOLÊNCIA NO NAMORO OU FICAR O que o(a) adolescente nomearia de violência no namoro ou ficar	
TEMA	VERBALIZAÇÕES
Violência Sexual	<p><i>“Tipo, se a gente tá lá sozinho e o negócio vai ficando mais quente, aí ela não quer, eu vou fazer a força com ela, é? Aí não pode. Se ela é a minha namorada eu tenho que respeitar a parte dela. Eu acho assim. E ela também tem que me entender, me respeitar.”</i></p>

BIDIRECIONALIDADE DA VIOLÊNCIA NO NAMORO Ambos perpetraram a violência no relacionamento de namoro ou ficar Como o/a adolescente reage ou reagiria diante de um episódio de violência	
TEMAS	VERBALIZAÇÕES
Tragédia	<p><i>“Eu acho que eu empurraria ela também, saia para não acontecer uma tragédia pior [...] eu acho que ele chega a bater nela, ele chega até tentar matar ela, eu acho. E pra não acontecer uma tragédia pior, é melhor empurrar e sair.”</i> [Grifos nossos].</p> <p><i>“Depois a gente sentaria e conversaria e acabava porque se for pra naquilo sempre, sempre, é melhor acabar pra não acontecer coisa pior. Tem muita coisa que eu já vi aí, caso de namoro na reportagem. Já vi por causa de besteira marido mata mulher, mulher mata marido.”</i></p>

5.3.3 Análise sobre Alex

A análise das verbalizações de Alex nos revela vivências de uma infância e início da adolescência permeada de inúmeros casos de agressões sofridas, cometidos, principalmente por seu genitor. O adolescente também foi vítima da exposição de vários episódios de violência entre os pais, que eram intensificados quando Antônio (seu pai) fazia uso excessivo

de bebidas alcoólicas. Ademais, presenciou uma das duas tentativas de suicídio de sua mãe. Observamos que a relação com os irmãos também é atravessada por desentendimentos, em sua maioria, verbais e, em alguns casos, físicos.

Para Alex, a violência no namoro é “*bater*” e “*abusar*”. Além disso, identifica que o tipo de violência que pode ocorrer entre namorados adolescentes é a sexual. Por meio de suas verbalizações notamos que os termos dos seus dois relacionamentos amorosos foram gerados pelo ciúme, sendo este também o legitimador e a justificativa do comportamento controlador que exerce em relação ao conteúdo do celular e às relações de amizade de suas parceiras íntimas. “*Por que ela não quer me dar (o celular), se não tem nada pra me esconder? eu cheguei e vi ela com um menino lá conversando [...]*”. Oliveira, Q. et al. (2016) apontam que o ciúme incitado pela possibilidade real ou não da infidelidade se apresentou como um componente de destaque para justificar a violência física entre namorados adolescentes.

Notamos, ainda, o controle exercido por Alex, sobre a liberdade de sua namorada de estar em um local desejado, por meio de ameaça: “*se você for pode me esquecer, pode esquecer, porque acabou*”, relatou-nos Alex. Para ele os mecanismos de controle que pratica não são apontados como episódios de violência na sua relação de namoro.

“Tentar virar os amigos contra ele ou ela”, “espalhar boatos sobre o parceiro ou a parceira” e “dizer coisas para interromper a amizade” como maneira de desabonar o parceiro íntimo são ações que compõem a chamada violência relacional, que, por sua vez, é um conceito da CADRI. Destacamos que a referida escala mensura tais ações cometidas/sofridas pelo namorado(a) (OLIVEIRA, Q. et al., 2011). Entretanto, no caso do participante, deu-se de forma inversa, o ato de espalhar boatos foi um comportamento de seus amigos com a tentativa de desmoralizar a sua namorada: “*os meninos ficava falando mal dela pra mim [...] falavam que ela não era uma menina pra eu namorar. Era só pra acabar o nosso namoro*”, relata.

Destacamos que frente à possibilidade da ocorrência de violência física na relação de namoro ou ficar, ele aponta que revidaria da mesma forma [empurrar] para que uma “*tragédia pior*”, como “*bater*” ou até “*matar*” não se concretize.

As vivências diante das frágeis interações familiares dos seus membros perpassadas pela violência tendem a se repetir, no caso de Alex, na sua maneira de se relacionar no namoro com uma parceira íntima.

“[...] essa *ferida meu bem, as vezes não sara nunca, as vezes sara amanhã*”.
C. Drummond de Andrade

5.4 Caso 4 - Tays: “porque por tudo, eu choro”

5.4.1 Síntese da entrevista

Tays tem 17 anos e reside com os pais, Amélia e Artur, e duas irmãs em uma cidade da Região Metropolitana do Recife/PE. Estuda no período matutino e à noite trabalha informalmente com o seu pai em uma barraca que comercializa salgados. A realização da entrevista se deu na escola.

Raul, de 17 anos, é o primeiro namorado da participante. O relacionamento amoroso completou 18 meses em junho de 2017. A participante nos conta que o namoro é “*cheio de altos e baixos*”, mas pretende se casar com ele.

Por conta dos inúmeros episódios de violência ocorridos entre os seus pais, Amélia divorciou-se de Artur há três anos, após 20 anos de casamento. Entretanto, ainda residem juntos na mesma casa com as filhas por questões financeiras relacionadas ao orçamento doméstico. A respeito disso, Tays verbaliza: “*vivem juntos porque minha mãe não tem certas condições, assim de pegar uma casa e colocar a gente pra morar. E meu pai também não tem condições de pagar uma casa pra gente.*” Em um dos vários episódios da conflituosa trama parental, a participante já se colocou à frente de sua mãe para impedir que o pai a agredisse fisicamente.

Relata-nos também que chora com muita frequência e se sente triste por presenciar tantas brigas, mesmo após a separação dos pais. Por esse motivo, pensa muito em sair de casa ao completar a maior idade, mesmo não estando preparada para enfrentar sozinha a responsabilidade com ela própria. “[...] *tem hora que a gente procura um buraco para enfiar a cabeça [...] isso só aumenta a minha vontade de querer morar sozinha ou até mesmo querer me casar [...]*”, verbaliza Tays. Além de testemunhar a violência entre os pais desde a infância, a participante também é vítima de violência psicológica perpetrada pelos genitores.

Apresentamos abaixo as verbalizações da participante e, posteriormente, uma análise da sua entrevista.

5.4.2 Unidades de sentido

VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR Episódios de violência vivenciados no âmbito da família	
TEMAS	VERBALIZAÇÕES
Violência entre os pais	<p>“[...] tem briga, mais da parte da minha mãe e do meu pai. Ai, querendo ou não afeta a gente.”</p> <p>“meu pai já bateu na minha mãe [...] ele deu um murro na cara dela e verbal também. Um gritando, só que assim, minha mãe não reage na base do grito, ela fica quieta.”</p> <p>“tem hora que ele fica muito agitado pra querer bater, mas aí ele reage batendo nas coisas, não nela [...] semana passada mesmo [...] ele foi pra cima dela, só que ele foi e chutou o balde, aí eu fui pra cima dele, pra puxar ele. Eu segurei ele.”</p>
Relação pai e filha	<p>“quando não tem ninguém em casa, ele [pai] não deixa eu sozinha com ele [namorado]. Meu pai já fica imaginando coisas, fica dizendo que eu faço de propósito, que eu sou safada, que eu quero mesmo ficar a sós com meu namorado [...] isso me chateia.”</p> <p>“Eu paro de falar com ele [...] eu sei que é errado, que a gente não deve tratar assim, que eles falam no impulso na hora da raiva, mas, eu sou uma pessoa sentimental [...] eu fico triste, eu choro.”</p>
Relação mãe e filha	<p>“Eu e minha mãe, a gente já é mais unida, nós duas. Porque tudo o que acontece comigo, eu digo a ela. E tudo o que acontece com ela, ela me diz.”</p> <p>“ela é daquela que quando tá com raiva desconta [...] mas, sendo que eu entendo o lado dela [...] esculhambar normal [...] tipo assim, Ah, você não presta pra nada. Você não faz nada. Só quer viver a vida assim, sem fazer nada.”</p> <p>“Isso acontece quando ela está estressada com as coisas dela [...], porque eu sou a única que faço as coisas lá em casa [...] acho que pelo fato da gente ser unida, eu sou por ela e ela é por mim.”</p>
Violência e álcool	<p>“O meu pai ele bebe [...] ele bebia mesmo e não queria nem saber, tinha dias que ele chegava bêbado, agredia a minha mãe, só que graças a Deus ele não tá bebendo mais com frequência.”</p>

VIOLÊNCIA NO NAMORO	
Possíveis episódios sofridos ou perpetrados no namoro ou ficar	
TEMAS	VERBALIZAÇÕES
Violência Física	<i>“Isso nunca aconteceu, graças a Deus [...] ele me respeita muito.”</i>
Violência Psicológica	<p><i>“eu não consigo conversar, eu sou nervosa, aí eu tenho que brigar, aí ele também não sabe assim chegar e me acalmar.”</i></p> <p><i>“eu tenho argumento, mas eu não sei expressar, assim o que eu quero falar. Aí termina a gente brigando [...] eu começo a me estressar, aí começo também a chorar, porque por tudo eu choro [...] eu não sou tão educada feito ele.”</i></p> <p><i>“eu brigo com ele, eu brigo mesmo, essa semana que passou foi o aniversário da igreja, eu cheguei a chorar pra ele ir comigo.”</i></p>

O QUE É VIOLÊNCIA NO NAMORO OU FICAR	
O que o(a) adolescente pensa sobre a violência no namoro ou ficar	
TEMA	VERBALIZAÇÕES
Namoro é para Aproveitar	<i>“Eu acho assim, um negócio desnecessário. Porque um namoro é pra gente aproveitar, um negócio de uma fase de conhecimento que é pra gente aproveitar mesmo, sair e curtir. E chegar a ponto de violência [...] eu acho que também não é só na fase de namoro, noivado, casado, em todas as fases. Acho que não é necessário haver violência.”</i>

TIPO DE EPISÓDIO DE VIOLÊNCIA NO NAMORO OU FICAR O que o(a) adolescente nomearia de violência no namoro ou ficar	
TEMA	VERBALIZAÇÕES
Violência Física e Psicológica	<i>[...] até na violência verbal, né? Quando um começa a esculhambar o outro, e também, a parte de bater. É tudo que ofende, tudo o que dói, eu considero como uma violência porque, se eu começo a lhe esculhambar e tá doendo, então pra mim é uma violência.”</i>

BIDIRECIONALIDADE DA VIOLÊNCIA NO NAMORO Ambos perpetram a violência no relacionamento de namoro ou ficar Como o/a adolescente reage ou reagiria diante de um episódio de violência	
TEMAS	VERBALIZAÇÕES
Stress	<i>“Rapaz, do jeito que eu sou estressada, eu reajo com muita ignorância [...] eu não falaria, ai, amor não faz isso não! lógico que não.”</i> <i>“[...] quem não quer pra si, não dá para os outros. Dá mesma forma ele não quer que eu xingue ele, ele também não tem que me xingar.”</i>

5.4.3 Análise sobre Tays

A participante, além de testemunhar o pai agredir física e verbalmente a sua mãe, é também vítima de violência psicológica cometida pelos pais contra ela, muito embora, ela não reconheça a violência verbal que sua mãe lhe direciona. Suas verbalizações apresentam uma relação bastante estreita entre mãe e filha, como uma espécie de aliança; ademais, ela protege a mãe nos conflitos violentos dos genitores: *“acho que pelo fato da gente ser unida [...] tem hora que ela também depende muito de mim”*, *“se quiser bater nela, aí a gente tá lá em cima pra não permitir [...] quando a gente tá na hora a gente impede de certas coisas.”* Tais comportamentos que podem ser, num primeiro momento, inofensivos e, ainda, podem passar

despercebidos, são denominados de triângulos (URZAGASTI, 2006; NICHOLS; SCHWARTZ, 2007). Tais autores apontam que os triângulos entre pai, mãe e filhos podem ocorrer quando existe a presença ou ameaça de violência conjugal, em que, por exemplo, a filha defende a mãe de uma agressão do pai como forma de evitar o agravamento da situação de violência. Ou ainda, quando a mãe, ao experienciar o distanciamento do cônjuge, une-se à filha para ganhar uma aliada.

Tays nos relata tristeza pela situação em que vive em casa, além de choros constantes acerca dos conflitos vivenciados com os genitores, Amélia e Artur: *“eu fecho a cara, eu fico triste, eu choro”, “eu digo pra eles que isso só aumenta a minha vontade de quando ficar de maior eu ir me embora”*. Este aspecto do relato da participante é corroborado por Avanci, Assis e Pesce (2008) e Teodoro, Cardoso e Pereira (2011). Os autores afirmam que há evidências de que os problemas emocionais apresentam associação com relações familiares violentas. Ademais, Artur se utiliza com frequência de manobras emocionais diante da negativa da participante em ajudá-lo no comércio informal de venda de salgados. A respeito disso, ela nos relata: *“se eu digo que eu não vou, aí ele vai sozinho e se arreta e começa a falar, dizendo que ninguém ajuda ele, tá vendo, eu me viro sozinho!”*.

Quanto ao namoro, a participante nos relata conflitos verbais constantes, muitas vezes, por não saber expressar de maneira mais saudável o seu argumento nas situações cotidianas do casal. Não aponta para vivência de violência física ou sexual na relação amorosa com Raul. No entanto, não se mostra passível diante da possibilidade de ocorrência de violência física: *“do jeito que eu sou estressada, eu reajo com muita ignorância”*. De acordo com as verbalizações, *“quando um começa a esculhambar o outro, e também a parte de bater”*, ela reconhece as violências física e psicológica como episódios de violência no namoro. Tal relato está alinhado aos tipos de violência que vivencia em casa desde a sua infância. Nesta perspectiva, Falcke e Wagner (2014, p. 27-28) relatam que mesmo diante *“da evidência do quanto as experiências na família de origem se fazem presentes na vida do indivíduo, são relativamente poucas as pessoas conscientes de como tais eventos, continuamente, influenciam e controlam seus comportamentos”*. Os reflexos das vivências na família de origem, principalmente, os intensos conflitos verbais vivenciados com o pai, são de certa maneira estendidos à sua relação amorosa.

*“Amar não é ser de alguém. Aliás,
o amor não é posse. Amar é ser
com alguém.”*

Ana Paula Vizzotto

5.5 Discussão dos resultados

O relato de cada adolescente que participou deste estudo é permeado por experiências únicas em meio a uma realidade que lhes é comum: a violência intrafamiliar. A análise dos casos individualmente nos possibilitou verificar a transmissão intergeracional da violência, ou seja, uma associação possível entre a experiência prematura, em alguns casos, da violência no namoro e as vivências na família de origem.

Dois dos quatro adolescentes –Alex e Tays – que compõem a amostra deste estudo de caso pontuaram situações concretas de violência em suas relações de namoro, muito embora, eles não as reconheçam como violência e, muito menos, percebam-se como perpetradores de tais episódios. Nos outros dois casos – Crislayne e Rubi – mesmo sem relatos de vivenciarem um namoro violento, verificamos outros elementos da transmissão intergeracional: Crislayne repete o padrão da relação amorosa vivido por sua mãe. O seu namorado teve envolvimento com o tráfico de drogas e roubo, assim como o seu padrasto. Para Boszormenyi-Nagy e Spark (2003), os relacionamentos amorosos estabelecidos podem ser utilizados, mesmo de maneira inconsciente, como forma de reforçar um compromisso de lealdade com a família de origem; Rubi segue os valores intergeracionais da família ao seguir as regras da mãe perpassadas pela igreja no que diz respeito ao momento “certo” para namorar. Por outro lado, em consonância com os estudos de Soares e Lima (2015) e Razera, Cenci e Falcke (2014) percebemos em Rubi uma possibilidade de rompimento do ciclo da violência quando responde que não revidaria uma situação, mesmo que hipotética, de violência no namoro.

Observamos que as famílias dos adolescentes participantes utilizam a violência como uma forma de comunicação para a resolução dos seus conflitos; esse caso também foi observado em estudos que mostram a consolidação da violência, em algumas famílias, como uma maneira de comunicação e interação entre os seus membros (CAVALCANTE; SCHENKER, 2013; MEDEIROS; DINIZ, 2015).

Por meio das verbalizações de Alex e Tays identificamos que o abuso de álcool, por parte dos seus pais, foi um fato que potencializou a expressão da violência física e psicológica contra suas mães. Este aspecto é corroborado na pesquisa realizada por Fonseca et al. (2009) em 7.939 domicílios, distribuídos em 27 capitais brasileiras, a qual aponta a alta prevalência

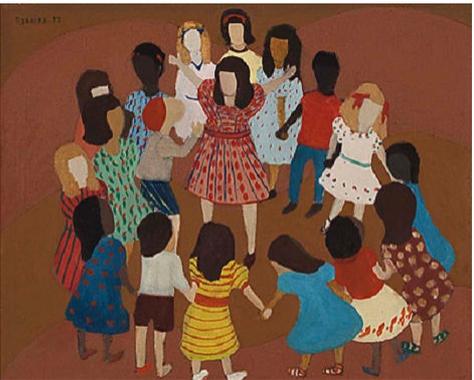
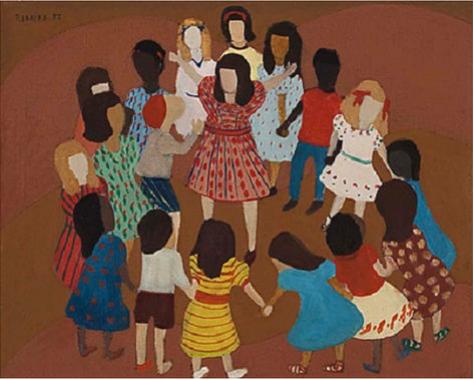
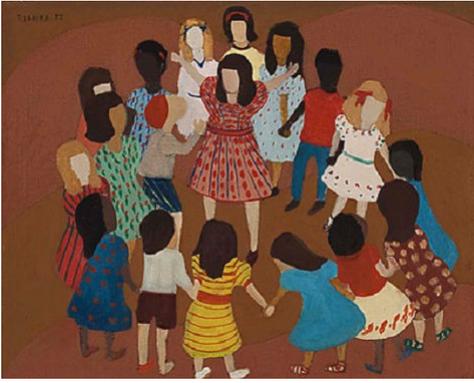
de residências com histórico de violência associada ao uso de bebidas alcoólicas. Os autores também apontam que a maioria das expressões de violência cometida pelos agressores alcoolizados são as discussões direcionadas às pessoas do domicílio, principalmente, às esposas, seguidas da ameaça e da violência física. Para além desses aspectos, “o prolongamento da violência associada ao álcool acaba permeando muitos anos da infância e/ou adolescência, as quais são fases fundamentais para o desenvolvimento humano saudável” (FONSECA et al., 2009, p. 747).

Os adolescentes deste estudo nomeiam as violências física, psicológica e sexual como possíveis situações de violência no namoro. Neste sentido, García e Farré (2010) evidenciam que as condutas de maus-tratos físicos são as mais facilmente identificadas pelos adolescentes no namoro; além disso, apontam que as experiências de violência mais comuns são as do tipo sexual e psicológico.

As violências psicológica e digital foram as tipologias cometidas pelos adolescentes contra o(a) namorado(a) identificadas nos casos Alex e Tays. Denominamos no presente estudo o ciúme, a ameaça, os conflitos verbais, o controle acerca das amizades, bem como o local frequentado pelo(a) parceiro(a), de violência psicológica. Quanto à ocorrência da violência digital, foi verificada por Alex, no sentido do controle exercido em relação ao conteúdo do celular, apontado como prova de amor e confiança. A respeito do controle do conteúdo do celular, Ruiz (2014) relata que três de cada 10 adolescentes que participaram de sua pesquisa declararam que controlam ou são controlados pelo parceiro(a) acerca das mensagens do *WhatsApp* e das fotos nos celulares. Nesta mesma linha, Campeiz et al. (2017) apontam que a violência ocorre na medida em que o parceiro(a) insiste em saber a senha do celular bem como das redes sociais resultando na “manipulação e controle” sobre o conteúdo e com quem o parceiro(a) conversa.

As expressões de violência cometidas pelos dois participantes contra seus parceiros/as são também identificadas em estudos nacionais e internacionais. A pesquisa nacional de Oliveira, Q. et al (2011) mostra que a violência verbal praticada se ressalta pela elevada prevalência entre os namorados, alcançando 85,3% da amostra composta pelo grupo etário entre 15 e 19 anos. Ademais, este tipo de violência foi identificado como “forma muito comum de comunicação” e o ciúme foi evidenciado como preditor de discussões. Resultados semelhantes foram apontados no estudo com 651 adolescentes espanhóis no grupo etário de 15 a 19 anos, em que Fernandez-Fuertes, Orgaz e Fuertes (2011) demonstram que as agressões psicológicas constituem o tipo mais característico.

Por meio dos relatos dos adolescentes participantes não observamos situações concretas da bidirecionalidade da violência; no entanto, frente à possível ocorrência da violência física, Crislayne, Alex e Tays relatam revidar no caso de sofrerem violência. Tal fenômeno é apontado em muitos estudos acerca da violência entre namorados adolescentes. Lazarevich et al. (2013) relatam que as agressões foram de caráter bidirecional em estudo com 729 adolescentes mexicanos entre 17 e 19 anos. O estudo brasileiro de Campeiz et al. (2017) também aponta para a reciprocidade da violência entre os adolescentes participantes. No entanto, concordamos com Barreira, Lima e Avanci (2013) ao destacar que a violência bidirecional no namoro de adolescentes necessita de um aprofundamento e mais estudos.



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“... cada um de nós é este pouco e este muito, esta bondade e esta maldade, esta paz e esta guerra, revolta e mansidão.”

José Saramago

Apesar de únicos, cada relato que compõe a presente pesquisa nos leva a identificar uma possível associação entre a exposição direta e/ou indireta de episódios de violência no âmbito familiar e a presença da violência no namoro dos adolescentes para alguns participantes. Por outro lado, verificamos também que não há uma relação linear e determinista para a experiência de violência no âmbito da família e a vitimização/perpetração de tais atos nas relações amorosas dos participantes. Nesta perspectiva, o relacionamento matrimonial tecido pelos pais ou cuidadores pode ser visto pelos filhos como um modelo a ser seguido ou evitado. Dito de outra forma, a maneira de se relacionar com um parceiro(a) íntimo(a) pode ser ou não apreendido por meio da transmissão intergeracional ao utilizarem as variadas expressões de violência como forma para a resolução de conflitos.

Sofrer violência psicológica dos pais e/ou dos cuidadores por meio de humilhações e ofensas foi observado como os eventos mais difíceis a que os adolescentes foram expostos, superando, dessa forma, os contextos não menos nefastos, como: o testemunho do assassinato dos pais, a vitimização por violência física ou mesmo presenciar a tentativa de suicídio materno. Experienciar essas situações marcou as histórias de vida dos adolescentes que participaram deste estudo. Neste contexto, convém evidenciar o caso de uma das participantes, no qual a exposição de violência direta e indireta trouxe consequências para a sua saúde mental, ao apresentar choro constante, além de dificuldades de resolver situações simples do cotidiano de forma mais saudável.

As expressões de violência no namoro identificadas nesta pesquisa foram a digital e a psicológica. Nesse ponto de vista, encontramos situações apenas de perpetração, ou seja, os adolescentes, como autores da agressão e não como vítimas de tais atos. Desse modo, não identificamos como vítimas e nem agressores para outras formas de violência, como por exemplo, a perseguição, a sexual, a física e a financeira. Constatamos que o controle e vigilância constante em relação ao conteúdo do celular, sobre as amizades, locais frequentados, além do ciúme, são vistos de maneira distorcida, apresentando-se como forma contundente de manifestação do amor, prova de confiança e cuidado para com o parceiro(a); e, não as diferenciando, por conseguinte, como episódio de perpetração de violência. Neste cenário, a negativa do parceiro(a) de compartilhar as conversas, ligações e fotos do celular, resguardando a sua privacidade, é recebida com desconfiança, como se estivesse escondendo

algo do namorado(a). Assim, tal comportamento não é aceito “quando existe amor” no âmbito de uma relação de namoro. Em vista disso, identificamos também a atitude de forçar e manipular o namorado(a), por meio do choro, a frequentar lugares não desejados. Tal comportamento, de conseguir que o namorado faça algo que não é da sua vontade, é visto pela participante como forma de agradar a pessoa amada. Os adolescentes participantes que perpetram tais situações de violência não as identificam como violência experienciada cotidianamente em seus relacionamentos amorosos. Ademais, destacamos que eles não se percebem como possíveis perpetuadores do modelo disfuncional de relacionamento entre os pais.

Em relação às adolescentes participantes que não cometem e nem são vítimas de violência no namoro, parece-nos uma atitude defensiva no sentido de não reviverem situações de violência intrafamiliar. Nesta mesma direção, consideramos destacar o fato de uma das adolescentes participantes ter escolhido para si um namorado com as mesmas características do parceiro de sua mãe – envolvimento com tráfico de drogas e ex-presidiário. Essa escolha aponta para uma possível reedição dos padrões de relacionamento íntimo passados de mãe para filha, demonstrando o aspecto da lealdade e herança familiar.

Para além dos objetivos desta pesquisa, verificamos a relação entre o abuso de álcool e a ocorrência da violência, principalmente, entre os pais dos participantes, fato este identificado pelos adolescentes ao pontuarem que todas as vezes que os pais faziam uso abusivo de bebidas alcoólicas, resultava em agressões físicas e verbais entre os genitores, repercutindo, assim, em sofrimento para todo o sistema familiar.

Positivamente, observamos nos adolescentes participantes que, mesmo diante desse contexto familiar disfuncional, onde vivenciaram sistematicamente vários episódios de violência, estas não foram apontadas como situações que os paralisaram acerca da construção de sonhos, planos e perspectivas para o futuro. Ao contrário, há um movimento em busca de trabalho, estudo e casamento.

Os resultados deste estudo sugerem uma necessidade de aprofundar, a partir de pesquisa, a relação entre a violência intrafamiliar e a violência no namoro, uma vez que o ambiente familiar parece influenciar na construção das relações amorosas do adolescente e, ainda, a escolha do parceiro. Torna-se salutar, dessa forma, a identificação precoce de tais vivências pelos casais de namorados, seja por meio da intervenção para aqueles que já experienciaram namoros violentos, bem como ações de prevenção para os adolescentes que não apresentam sinais de vitimização/perpetração em seus relacionamentos de namoro ou ficar. O desenvolvimento e a implantação de tais ações pode ser uma forma de romper com a

perpetuação do ciclo de violência intergeracional, visando, assim, à construção de relacionamentos mais funcionais entre os namorados adolescentes. Neste cenário, tais aspectos poderiam favorecer, dessa maneira, relações mais saudáveis na vida adulta, além da promoção da saúde.

A presente investigação apresenta algumas limitações. Em primeiro lugar, trata-se de um estudo de natureza qualitativa e exploratória e, portanto, os seus resultados não podem ser generalizados. Em segundo lugar, merece destaque um aprofundamento acerca da violência bidirecional entre os namorados adolescentes, uma vez que não ficou evidente em nossa investigação a sua ocorrência. No entanto, a literatura aponta a perpetração/vitimização simultânea da violência entre casais adolescentes como o padrão mais usual.

Em face dessas limitações, sugerimos: 1) o desenvolvimento de pesquisas sobre a violência bidirecional entre namorados adolescentes; 2) realização de estudos longitudinais para uma melhor compreensão a respeito da transmissão intergeracional da violência neste grupo etário e 3) o desenvolvimento e implementação de intervenções que abordem a violência de gênero no namoro entre adolescentes, uma vez que pesquisas realizadas no cenário nacional apontam para a alta prevalência entre esse grupo etário.

Diante da complexidade de desenvolver-se em meio a relações familiares perpassadas pela violência, torna-se fundamental a realização de pesquisas que aprofundem a compreensão da relação entre a vivência da violência intrafamiliar e a presença da violência no namoro entre adolescentes.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A.; MIRANDA, O. B.; LOURENÇO, L. M. Violência doméstica/intrafamiliar contra crianças e adolescentes: uma revisão bibliométrica. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 6, n.2, p. 298-311, jul./dez. 2013.
- ANACONA, C. A. R. Prevalencia, factores de riesgo y problemáticas asociadas con la violencia en el noviazgo: una revisión de la literatura. **Avances en Psicología Latinoamericana**, Bogotá, v. 26, n. 2, p. 227-241, 2008.
- ANDRE, M. E. D. A. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação institucional**. Brasília: Líber, 2005.
- ASSIS, S. G. A geração da violência nos diferentes estratos sociais. Em: HUTZ, C. S. (Org.). **Violência e Risco na Infância e adolescência: Pesquisa e Intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p. 173-196.
- ASSIS, S. G. et al. Violência na família, na escola e na comunidade e relações afetivo-sexuais. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. (Org.). **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.
- AVANCI, J. Q.; ASSIS, S. G.; PESCE, R. P. **Depressão em crianças: uma reflexão sobre crescer em meio à violência**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2008.
- BARDAGI, M.; ARTECHE, A. X.; NEIVA-SILVA, L. Projetos sociais com adolescentes em situação de risco: discutindo o trabalho e a orientação profissional como estratégias de intervenção. In: HUTZ, C. S. (Org.). **Violência e risco na infância e adolescência: pesquisa e intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p. 101-145.
- BARREIRA, A. K.; LIMA, M. L. C.; AVANCI, J. Q. Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do Recife, Brasil: prevalência e fatores associados. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 1, p. 233-243, 2013.
- BARREIRA, A. K. et al. Direcionalidade da violência física e psicológica no namoro entre adolescentes do Recife, Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 17, n. 1, p. 217-228, jan./mar. 2014.
- BESERRA, M. A. et al. Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. **Escola Anna Nery**, v. 20, n. 1, p. 183-191, 2016.
- BOSZORMENYI-NAGY, I.; SPARK, G. M. **Lealtades invisibles**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2003.
- BRANCO, B.; DEMARCHI, K. O adolescente em conflito com a lei. In: WAGNER, A. e colaboradores. **Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões**. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 167-180.

BRANCAGLIONI, B. C. A.; FONSECA, R. M. G. S. Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise de gênero e geração. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 69, n. 5, p. 946-955, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Linha de cuidado para a atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violência**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

_____. _____. **Por uma cultura da paz, a promoção da saúde e a prevenção da violência**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

_____. _____. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim epidemiológico**, v. 44, n. 9. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

_____. _____. **Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço**. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

CAMPEIZ, A. B. et al. **Percepções de adolescentes que vivenciaram a violência no relacionamento íntimo à luz da complexidade**. Trabalho apresentado no Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa, v. 2, 2017.

CAVALCANTE, F. G.; SCHENKER, M. Famílias que se comunicam através da violência. In: NJAINE, K.; ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P. (Org.). **Impactos da violência na saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013.

CECCHETTO, F. et al. Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras. **Interface**, Botucatu, v. 20, n. 59, p. 853-864, 2016.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). **Dating Matters: strategies to promote healthy teen relationships**. United States, 2014.

_____. **Understanding Teen Dating Violence**. United States, 2016.

CLAREY, A.; HOKODA, A; ULLOA, E.C. Anger Control and Acceptance of Violence as Mediators in the Relationship between Exposure to Interparental Conflict and Dating Violence Perpetration in Mexican Adolescents. **Journal of Family Violence**, n. 25, v. 7, p. 619-625, 2010.

COLOSSI, P. M.; MARASCA, A. R.; FALCKE, D. De geração em geração: a violência conjugal e as experiências na família de origem. **Psico**, v. 46, n. 4, p. 493-502, out./dez. 2015.

DE ANTONI, C.; BATISTA, F. A. Violência familiar: análise de risco e proteção. **Diaphora**, v. 14, n. 2, p. 26-34, 2014.

DE ANTONI, C.; KOLLER, S. H. A pesquisa ecológica sobre violência no microsistema familiar. In: KOLLER, S. H. (Org.). **Ecologia do desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 315-339.

- DINIZ, G. R. S.; ALVES, C. O. Gênero e violência no namoro. In: MURTA, S. G.; BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F.; DINIZ, G. R. S (Org.). **Violência no namoro: estudos, prevenção e psicoterapia**. Curitiba: Appris, 2015.
- FAIAS, J.; CARIDADE, S.; CARDOSO, J. Exposição à violência familiar e abuso íntimo em jovens: que relação? **Psychologica**, v. 59, n. 1, p. 7-23, 2016.
- FALCKE, D.; FERREZ-CARNEIRO, T. Reflexões sobre a violência conjugal. Diferentes contextos, múltiplas expressões. In: WAGNER, A. (Org.). **Desafios psicossociais da família contemporânea: Pesquisa e reflexões**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- FALCKE, D.; ROSA, L.W.; MADALENA, M. Violência familiar: rompendo o ciclo transgeracional e seguindo em frente. In: BAPTISTA, M. N.; TEODORO, M. L. M. (Org.). **Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 127-136.
- FALCKE, D.; WAGNER, A. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In: WAGNER, A. **Como se perpetua a família: a transmissão dos modelos familiares**. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2014. p. 25-46.
- FERNÁNDEZ-FUERTES, A. A.; ORGAZ, B.; FUERTES, A. Características del comportamiento agresivo en las parejas adolescentes españoles. **Behavioral Psychology/Psicología Conductual**, p. 501-522, 2011.
- FERNÁNDEZ-FUERTES, A. A.; ORGAZ-BAZ, M. B. de; LIMA-SILVA, M. Agresiones e el noviazgo: un estudio com adolescentes de Heredia (Costa Rica). **Revista Eletrónica Educare (Educare Electronic Journal)**, v. 19, n. 3, p. 1-27, 2015.
- FONSECA, A. M. et al. Padrões de violência domiciliar associada ao uso de álcool no Brasil. **Revista Saúde Pública**, v. 43, n. 5, p. 743-749, 2009.
- FOSHEE, V. A.; ARRIAGA, X. B. Adolescent dating violence: do adolescents follow in their friends or their parentes footsteps? **Journal of Interpersonal Violence**, v. 19, n. 2, p. 162-184, 2004.
- GARCÍA, E. S.; FARRÉ, A. F. Estudio sobre la identificación y vivencia de violencia en parejas adolescentes. **Apuntes de Psicología**, v. 28, n. 3, p. 349-366, 2010.
- GOMES, R. Invisibilidade da violência nas relações afetivo-sexuais. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. (Org.). **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011. p. 141-151.
- GÓMEZ, A. M. Testing the cycle of violence hypothesis: child abuse and adolescent dating violence as predictors of intimate pastner violence in young adulthood. **Youth Society**, v. 43, n. 1, p. 171-192, 2011.
- GOMIDE, P. I. C. **Inventário de estilos parentais IEP**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- GONÇALVES, H. B. **Infância e violência no Brasil**. Rio de Janeiro: Nau, 2003.

GOVER, A. R.; KAUKINEN, C.; FOX, K. A. The relationship between violence in the family of origin and dating violence among college students. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 23, n. 12, p. 1667-1693, nov. 2008.

GUERRA, V. N. A. **Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada**. São Paulo: Cortez, 1998.

HERNÁNDEZ, M. G.; CHÁVEZ, M. C. M. La violencia conyugal y su transmisión transgeracional. **Uaricha**, v. 11, n. 24, p. 68-77, 2014.

KANN, L. et al. Youth Risk Behavior Surveillance. **Surveillance Summaries**, v. 63, n. SS04, p. 1-168, 2013.

KOLLER, S. H.; DE ANTONI, C. Violência intrafamiliar: uma visão ecológica. In: KOLLER, S. H. (Org.). **Ecologia do desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 297-314.

LAZAREVICH, I. et al. Violencia en el noviazgo y salud mental en estudiantes universitarios mexicanos. **Global Health Promotion**, v. 20, n. 3, p. 94-103, 2013.

LIMA, J. V. Entre o 'Recuperável' e o 'Estruturado': classificações dos funcionários de medida socioeducativa de internação acerca do adolescente em conflito com a lei. 2014. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo – Departamento de Sociologia, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-14012015-121821/pt-br.php>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

LOVE IS RESPECT. **Healthy relationship middle school educator's toolkit**. United States, 2016a.

_____. **Healthy relationship high school educator's toolkit**. United States, 2016b.

_____. **Respect week guide 2017**. United States, 2017.

MARASCA, A. R.; COLOSSI, P. M.; FALCKE, D. Violência conjugal e família de origem: uma revisão sistemática da literatura de 2006 a 2011. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 1, p. 221-243, 2013.

MATOS, M. et al. Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 8, n. 1, p. 55-75, 2006.

MEDEIROS, M. N.; DINIZ, G. R. S. Gênero, violência conjugal e saúde mental: a experiência de três mulheres em contexto. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Família e casal: parentalidade e filiação em diferentes contextos**. Rio de Janeiro: Prospectiva, 2015. p. 181-203.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2014.

_____. Violência contra crianças e adolescentes: questão social, questão de saúde. **Revista Brasileira Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 1, n. 2, p. 91-102, maio-ago. 2001.

- MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. **Amor e violência**: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.
- MINUCHIN, S. **Famílias**: Funcionamento e Tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- MINUCHIN, P.; COLAPINTO, J.; MINUCHIN, S. **O desafio de trabalhar com famílias de alto risco social**: uma abordagem sistêmica. São Paulo: Roca, 2011.
- MOREIRA, M. I. C.; SOUSA, S. M. G. Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: do espaço privado à cena pública. **O Social em Questão**, v. 15, n. 28, p. 13-26, 2012.
- MOSMANN, C. P.; ZORDAN, E. P.; WAGNER, A. A qualidade Conjugal como fator de proteção do ambiente familiar. In: WAGNER, A. e colaboradores. **Desafios psicossociais da família contemporânea**: pesquisas e reflexões. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 58-71.
- MUÑOZ-RIVAS, M. J. et al. Violencia en el noviazgo y consumo de alcohol y drogas ilegales entre adolescentes y jóvenes españoles. **Adicciones**, v. 22, n. 2, p. 125-133, 2010.
- MURTA, S. G. et al. Efeitos de um Programa de Prevenção à Violência no Namoro. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 21, n. 2, p. 381-393, 2016.
- MURTA, S. G. et al. Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 263-288, 2013.
- NATIONAL CLEARINGHOUSE ON FAMILY VIOLENCE (NCFV). **Violence in dating relationships**: an overview paper. Ottawa: Public Health Agency of Canada, 2006.
- NICHOLS, M. P.; SCHWARTZ, R. C. **A terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- NJAINE, K. Violência no Namoro. In: FLEURY-TEIXEIRA, E.; MENEGHEL, S. N. (Org.). **Dicionário Feminino da Infância**: Acolhimento e diagnóstico de mulheres em situação de violência. Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 2015. p. 382-383.
- OLIVEIRA, Q. B. M. et al. Violência nas relações afetivo-sexuais. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. (Org.). **Amor e violência**: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011.
- OLIVEIRA, Q. B. M. et al. O Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 3, p. 707-718, 2014.
- _____. Violência Física Perpetrada por Ciúmes no Namoro de Adolescentes: Um recorte de Gênero em Dez Capitais Brasileiras. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, n. 3, p. 1-12, 2016.
- OLIVEIRA, R. V. C. et al. A pesquisa e os jovens que dela participaram. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. (Org.). **Amor e violência**: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

- OLIVEIRA, S. O.; SANI, A. I.; MAGALHÃES, T. O contágio transgeracional da agressividade: a propósito da violência no namoro. **Revista Portuguesa do Dano Corporal**, v. 23, p. 175-188, 2012.
- OMS. **Prevenindo a violência juvenil: um panorama das evidências 2015**. São Paulo, 2016
- _____. **Relatório Mundial Sobre a Prevenção da Violência 2014**. São Paulo, 2015.
- PERNAMBUCO. Secretaria Executiva de Vigilância em Saúde. **Boletim Anual**, v. 5, mar. 2015.
- PESQUISA traz dados sobre violência doméstica em mulheres nordestinas. **Portal Brasil**, 2016. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/12/pesquisa-traz-dados-sobre-violencia-domestica-em-mulheres-nordestinas>>. Acesso em: 06 jun. 2017.
- PICK, S. et al. Yo quiero, yo puedo prevenir la violencia: programa breve de sensibilización sobre violencia en el noviazgo. **Salud Mental**, v. 33, p. 153-160, 2010.
- PRISZKULNIK, L. Violência contra crianças: desafios só para médicos? **O mundo da saúde São Paulo**, v. 33, n. 1, p. 58-63, 2009.
- RAZERA, J.; CENCI, C. M. B.; FALCKE, D. Violência Doméstica e transgeracionalidade: um estudo de caso. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 6, n. 1, p. 47-51, jan./jun. 2014.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.
- RUIZ, M. A. B. Implicaciones del uso de las redes sociales en el aumento de la violencia de género en adolescentes. **Comunicación y Medios**, n. 30, p. 124-141, 2014.
- SANTORO JR, M. Maus tratos contra crianças e adolescentes: um fenômeno antigo e sempre atual. **Pediatria Moderna**, n. 38, v. 6, p. 279-283, 2002.
- SANTOS, A. R.; MARIN, A. H.; CASTOLDI, L. Percepção de mães e adolescentes sobre a violência intrafamiliar por meio da construção do genograma. **Contextos clínicos**, v. 6, n. 2, p. 174-184, jul./ago. 2013.
- SANTOS, K. B.; MURTA, S. G. Influência dos Pares e Educação por Pares na Prevenção à Violência no Namoro. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 4, p. 787-800, 2016.
- SCANTAMBURLO, N. P.; MORÉ, C. L. O. O.; CREPALDI, M. A. O processo de transmissão intergeracional e a violência no casal. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 44, p. 35-48, 2012.
- SILVA, C. B. et al. Caracterização do perfil da violência sexual em crianças e adolescentes no Rio Grande do Sul. **Revista de Epidemiologia e Controle de Infecção**, 2016. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/epidemiologia/article/view/8223>>. Acesso: 10 set. 2017.

- SOARES, I. A.; LIMA, A. O. Vivência masculina de violência na relação conjugal: dores reeditadas? In: SUTTER, C.; BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F.; PEDROSO, J. S. (Org.). **Família e vulnerabilidade social: pesquisas e intervenções**. Curitiba: Appris, 2015.
- SOARES, J. S. F.; LOPES, M. J. M.; NJAINE, K. Violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes do Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: busca de ajuda e rede de apoio. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 6, p. 1121-1130, 2013.
- SUTTER, C.; MORAIS, C. A.; ALBUQUERQUE, R. M. M. Cultura e violência intrafamiliar: trabalhando em situações de crise. In: PENSO, M.A; COSTA, L.F. **Família e Vulnerabilidade Social: pesquisas e intervenções**. Curitiba: Appris, 2015. p. 163-181.
- TEODORO, M. L. M.; CARDOSO, B. M.; PEREIRA, T. F. P. As relações familiares e os problemas emocionais e de comportamento em adolescentes. In: WAGNER, A. e colaboradores. **Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões**. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 140-149.
- TURATO, E. R. **Tratado de metodologia de pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- UNICEF. **Hidden in plain sight**: Uma análise estatística sobre a violência contra a criança. Nova York, 2014. Disponível em <<http://www.unicef.pt/violencia-criancas/files/Hidden-in-Plain-Sight-Summary-Portugues-2014-09-04.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2016.
- UNITED STATES: Barack Obama. **Proclamation 8777**—National Teen Dating Violence Awareness and Prevention Month, 2012. January 31, 2012. Online by Gerhard Peters and John T. Woolley, The American Presidency Project. Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=99165>>. Acesso: 02 Jun. 2017.
- URZAGASTI, O. A. Estructura de la familia de origen y nuclear en varones que ejercen violencia física en el ámbito conyugal. **Revista Ajayu**, Bolívia, v. 4, n. 2, p. 268-289, 2006.
- VIEIRA, L. J. E. S. et al. “Amor não correspondido”: discursos de adolescentes que tentaram suicídio. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 5, p. 1825-1834, 2009.
- VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 201-218, 2014.
- WEBER, L. N. D. et al. Famílias que maltratam: uma tentativa de socialização pela violência. **Psico-USF**, v. 7, n. 2, p. 163-173, jul./dez. 2002.
- WEKERLE, C.; WOLFE, D. A. Dating violence in mid-adolescence: theory, significance and emerging prevention initiatives. **Clinical Psychology**, v. 19, n. 4, p. 435-456, 1999.
- WOLFE, D. A. et al. Development and validation of the Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory. **Psychological Assessment**, v. 13, n. 2, p. 277-93, 2001.
- WOLFE, D.; SCOTT, K.; WEKERLE, C.; PITTMAN, AL. Child Maltreatment: Risk of Adjustment Problems and dating violence in adolescence. **Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry**, v. 40, n. 3, 2001.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. São Paulo: Bookman, 2010.

ANEXO

APÊNDICE A –